

„ Decidi agora , Senhores ;  
 „ qual dos dois alcança victo-  
 „ rias mais difficeis, e mais glori-  
 „ ozas. Mas ao menos vós con-  
 „ fessareis , que . . . as preces  
 „ d'hum Principe virtuozo são  
 „ mais uteis ao Imperio , do que  
 „ a sabedoria , e o valor dos He-  
 „ roes , que o defendem : o que  
 „ manda a seus sentidos he su-  
 „ perior ao que força os repa-  
 „ ros , e toma as Cidades (a). „

§. V.

**S**ermocinação he huma práti- *Sermocina-*  
 ca, que se introduz entre du- *nação.*  
 as ou mais pessoas , com expre-  
 sões accommodadas ao cara-  
 cter de cada huma , e á materia ,  
 de que se tracta. Tal he a prática,  
 que o Sabio (b) introduz nos im-

M pios

(a) Melior est , . . qui dominatur a-  
 nimo suo , expugnatore urbium. Prov.  
 16. 32.

(b) Sapient. 2.

pios dizendo , que a sua vida he limitada , e cheia de dissabores ; que por fim naõ teraõ refrigerio ; que a sua alma acaba com o corpo : e por isso ( dizem os impios huns aos outros ) ,, Vinde ,  
 ,, e gozemos dos bens caducos  
 ,, do seculo : . . . Saciemos-nos  
 ,, das bebidas , e manjares do  
 ,, Mundo : naõ deixemos passar  
 ,, a flor de nossos dias : Coroe-  
 ,, mos-nos de rozas , antes que  
 ,, murchem. ,,

O mesmo Sabio (a) introduz os impios a falar sobre a desgraça da sua reprobacão eterna , e sobre a felicidade dos justos. Elle os figura dizendo entre si :

,, Estes saõ aquelles (os justos),  
 ,, de quem nós faziamos zom-  
 ,, baria ; cuja vida nós reputava-  
 ,, mos loucura , e sem recompen-  
 ,, sa. Porém elles estaõ colloca-  
 ,, dos entre os filhos de Deos . . .  
 ,, Nós

---

(a) Sap. 5.

„ Nós he que errámos o cami-  
 „ nho... andámos pela estrada  
 „ da iniquidade... Que nos a-  
 „ proveitou a nossa soberba? Que  
 „ utilidade nos deraõ as rique-  
 „ zas? Tudo passou como som-  
 „ bra... „

Nos Proverbios, e nos San-  
 tos Padres achão-se muitos ex-  
 emplos d'estas *Sermocinações* (a).

## M 2 §. VI.

(a) Estas práticas introduzidas pelo O-  
 rador entre pessoas, ou cousas, ás quaes  
 eu chamo com alguns AA. Sermocinação,  
 e Conformação, são denominadas ordina-  
 riamente Protopopeias. Mas, como isto  
 he questão de nome, eu não me demoro em  
 discuti-la, na certeza que a direção enire  
 a prática d'aquillo que fala, e da cousa  
 que não fala, conduz mais para a perfei-  
 ta intelligencia do que o Orador deve sa-  
 ber. O certo he, que elle deve accommodar  
 huma, e outra prática ao caracter da p.essoa,  
 e á qualidade da cousa, que elle introduz  
 a falar. Assim obrava Cicero, quando  
 compunha algumas Orações para outros  
 as recitarem na presença do Senado, ou  
 do Povo. Lyzias fazia o mesmo. Veja-se  
 Quintil. L. 3. Cap. 8. e L. 9. C. 2.

## §. VI.

*Confor-  
mação.*

**C**onformação he huma prática introduzida entre couzas, que não falaõ, nem tem voz, como saõ as Cidades, as Nações, os Campos, e os mesmos mortos. O Prégador, que introduzir alguma d'estas couzas a falar, deve sempre ter cuidado, que esta *Conformação* seja propria da couza, que elle finge a falar, e accommodada á materia, que se tracta.

O Bispo Ozorio dá-nos hum bello exemplo d'esta *Conformação*, quando introduz huma Cidade exclamando contra os Pais, que não corrigem as liberdades, e costumes perversos de seus filhos.

„ Que responderás tu ( diz  
 „ elle ), se a tua Patria te arguir  
 „ com estas palavras : Homem ,  
 „ porque razaõ procuras , quan-  
 „ to está da tua parte , destruir-  
 „ me ?

„ me? porque razão cuidas em  
 „ degolar huma Mãi, que de-  
 „ vias abraçar com toda a pie-  
 „ dade? Com as minhas Leis, e  
 „ estatutos foste nutrido: por  
 „ mim foste tirado das silvas, e  
 „ d'entre as bestas ferozes: com  
 „ o meu prezidio tens passado  
 „ huma vida tranquilla, e segu-  
 „ ra. Por mim he que achas au-  
 „ xilio nos perigos, remedio  
 „ nas enfermidades, consolação  
 „ nas afrontas, disciplina em a  
 „ perturbação, alivio nos cui-  
 „ dados. E se julgas, que isto af-  
 „ sim não he, aparta-te de mim;  
 „ foge á minha luz; vai-te á so-  
 „ lidaõ: e vejamos, como podes  
 „ sustentar a vida sem o meu pre-  
 „ zidio. Logo mais devo eu ser  
 „ estimada por tua mãi, do que  
 „ a mesma, que te pario: e se  
 „ tu me deres a morte, não só  
 „ debes ser tido por homem im-  
 „ probó, mas por impio, por  
 „ abominavel parricida. Porém  
 „ di-

„ dirás tu , que nunca me ma-  
 „ quinaſte a morte. E por ven-  
 „ tura não entendes , que a mi-  
 „ nha vida , a minha ſaude ſe  
 „ contém nos coſtumes , e na  
 „ honeſtidade dos Cidadãos ?  
 „ Heſ taõ deſtituido d'entendi-  
 „ mento , que não vejas , que  
 „ em elles chegando á madura  
 „ idade, ſe forem flagicioſos, te-  
 „ nho eu pela ſua maldade de  
 „ padecer hum miſeravel , e fu-  
 „ neſto fado? Nem imaginas ,  
 „ que mais deves crear os filhos  
 „ para mim , que para ti? Por-  
 „ que razaõ pois conſentes , que  
 „ elles ſejaõ perversos? porque  
 „ heſ indulgente para com os  
 „ ſeus peccados? porque fomen-  
 „ tas o ſeu inconfiderado appe-  
 „ tite? porque ſoffres , que ſe  
 „ lhes extingua todo o pudor?  
 „ porque finalmente permittes ,  
 „ que elles deſprezem o eſtudo  
 „ da honeſtidade, e ſe entreguem  
 „ ao vicio? „

## §. VII.

A' Lem dos sobreditos , ain- *Outros*  
 da ha outros modos d'am- *modos*  
 plificar as coufas , e com que *d'amplif.*  
 ellas se mostraõ grandes no seu  
 genero.

1.º Quando aos nomes , que  
 exprimem simplesmente as cou-  
 fas , ajuntamos outros , que as  
 caracterizaõ ainda melhor. Co-  
 mo fez Cicero , dizendo contra  
 Verres :

„ Eu trago ao Tribunal naõ  
 „ hum ladraõ ; mas hum arreba-  
 „ tador : naõ trago hum adulte-  
 „ ro ; mas hum inimigo jurado  
 „ da honra das mulheres : naõ  
 „ trago hum sacrilego ; mas hum  
 „ impio , que tem profanado  
 „ tudo o que he sagrado , e pro-  
 „ fano : naõ trago hum mata-  
 „ dor ; mas hum cruelissimo al-  
 „ goz de todos os Cidadãos , e  
 „ dos nossos alliados. . . „

D'ef.

D'este modo exagera Cicero a malicia de Verres.

2.º Quando elevamos o pensamento como subindo por hum, ou mais grãos. Assim fez Cicero, falando da Lei Porcia, e Sempronia; dizendo:

„ He huma grande maldade  
 „ prender hum Cidadão Roma-  
 „ no: he hum crime horrivel o  
 „ açoutallo; quasi hum parrici-  
 „ dio o matallo: e que direi eu  
 „ de o matar crucificado? „

N'este exemplo se vê, como Cicero amplificou o crime de Verres, que não só merecia o ser prezo, açoutado, e morto; mas tambem suspenso em huma Cruz.

3.º Quando a exageração se eleva a hum tal excesso, que affirma d'elle não póde accrescentar-se mais nada. Como quando dizemos:

Jesus Christo amou os homens até dar a vida em huma  
 Cruz



Cruz pela salvação de todos. E que mais podia fazer? Morreo na Cruz pela redempção do genero humano.

4.º Quando mostramos a grandeza d'huma coula, não com distincão ou com pausa; mas encadeando as expressões humas com outras de forte, que vão crescendo. Este modo he, como diz Quintiliano (a), mais occulto; mas por isso mesmo he mais efficaz. D'este modo podemos amplificar a iniquidade do peccador, que se atreve a offender a Real Presença de Jesus Christo Sacramentado: dizendo:

O peccador esquecido de si, e do mesmo Creador, atropella a sua Lei; piza debaixo de seus pés sacrilegos o Sangue do Cordeiro Immaculado, no mesmo Templo do Deos Vivo, á face do Altar Santo, e mesmo na  
Real

---

(a) Liv. 8. Cap. 4.

Real Presença do Senhor Sacramento, e exposto á veneração dos Fieis!

5.º Quando comparamos huma cousa com outra, exagerando aquillo, que he maior, com o argumento do que he menor. D'este modo falou Cicero contra Catilina; dizendo:

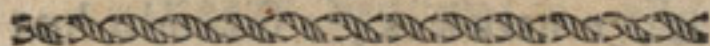
„ Na verdade, se os meus  
 „ servos me temessem da mesma  
 „ forte, que te temem os teus  
 „ Cidadãos, eu fugiria de minha  
 „ casa. „

Ha finalmente outros mais modos d'amplificar qualquer cousa. Os sobreditos são os mais principaes, e os mais proprios para mover os affectos. Quem quizer instruir-se melhor n'esta materia d'*Amplificação*, veja Quintiliano (a).

CA-

---

(a) Liv. 8. Cap. 4.



## CAPITULO VIII.

*Dos affectos, e modo com que se  
haõ de mover.*

**T**UDO o que tenho dito a res- *Affectos.*  
peito da *Amplificaçaõ*, naõ  
se dirige a outro fim senaõ a mo-  
ver os *affectos*, e ganhar os co-  
rações dos Ouvintes, que he o  
unico objecto da Oraçaõ Evan-  
gelica; assim como deve ser tam-  
bem o unico delvelo do Orador  
Christaõ. E como os Ouvintes  
ordinariamente naõ se movem  
com facilidade senaõ com a pre-  
sença das cousas, e com a gran-  
deza d'ellas, por isso deve o Ora-  
dor pôr em execuçaõ as regras  
seguintes.

1.<sup>a</sup> Representar na imagina- *Regra*  
çaõ dos Ouvintes aquillo, que *1.<sup>a</sup>*  
for objecto do seu discurso; pin-  
tando-o com as cores mais vi-  
vas,

vas, e naturaes; e fazendo huma verdadeira *Descripção* (a).

2.<sup>a</sup> Mof-

---

(a) Nas Descripções deve o Prégador advertir o que fica dito desde a pag. 164. até 170., e além d'isto, tomar por empreza o evitar tudo o que he affectação, termos brilbantes, expressões exquisitas, anritbez, e jógos de palavras: 2.<sup>o</sup> descrever o que he, e não o que poderia ser: 3.<sup>o</sup> accommodar a Descripção á intelligencia do Auditorio de sorte, que não só a percebaõ, mas que não possaõ deixar de a entender: 4.<sup>o</sup> fazer a pintura, como diz Longino, taõ viva, e natural, que não só represente o que quer, mas que pareça que o põe mesmo diante dos olbos de seus Ouvintes: 5.<sup>o</sup> nunca fazer descripção d'aquellas, que devem inteiramente desterrar-se do Pulpito, e que a Eloquencia Christam condemna como inuteis, e prejudiciaes; taes são as pinturas do que se passa no mundo, ou nos corações; as quaes não servem senaõ de lisongear as paixões, o amor proprio, a ambição d'imitar a destreza, e habilidade d'aquelles, cujas acções se vem pintadas com viveza; e sobre tudo, a pintura, e descripção em materia de sensualidade, a qual he propria para inspirar o amor profano: 6.<sup>o</sup> fazer as descripções de sorte, que ellas produzaõ no Auditorio sentimentos Christãos.

2.<sup>a</sup> Mostrar a mesma cousa, *Regra*  
grande no seu género; amplifi- 2.<sup>a</sup>  
cando-a com tudo aquillo, que  
lhe for respectivo, conforme a  
doutrina estabelecida a respeito  
da *Amplificação*.

3.<sup>a</sup> Mover-se o Prégador pri- *Regra*  
meiro a si mesmo (a); que he, 3.<sup>a</sup> e  
segundo Quintiliano, o preceito *princi-*  
mais importante, e principal, *pal.*  
ácerca de mover os *affectos* (b).

4.<sup>a</sup> Pedir a Deos, por meio *Regra*  
da Oração, a compunção, a 4.<sup>a</sup>  
ternura, e unção, de que neces-  
sita para se mover a si, e o mes-  
mo Auditorio, segundo o con-  
ceito de Santo Agostinho (c).

Os *affectos*, que os Oradores  
Evan-

(a) Lacrymas, quas vult a suis audi-  
toribus fundi, ipse primitus fundat: &  
sic eos compunctione sui cordis accendat.  
Inter Oper. S. Prosper.

(b) Quintil. L. 6. Cap. 2.

(c) Da amantem . . . & scit quid di-  
cam. Si autem frigido loquor, nescit  
quid loquor.

Evangelicos devem excitar em seus Ouvintes, saõ o amor de Deos, e do proximo; da observancia da Lei Santa; a estimaçã da Virtude; o aborrecimento do vicio; o temor dos Juizos do Altissimo; a esperança na Misericordia de Deos; a admiraçã das cousas sobrenaturaes; o desejo do Ceo; o medo do inferno; o desprezo do Mundo; a humildade, a paciencia, e todas as mais Virtudes. Para isto deve o Prégador valer-se dos motivos proporcionados a excitar os *afectos* laudaveis nos animos de seus Ouvintes.

Para os mover ao amor de Deos, deve mostrar a sua infinita Bondade, a sua excessiva Caridade, a sua Mansidaõ, a sua Liberalidade; o Amor Paternal, com que Elle nos ama; os beneficios incompreensiveis, que nos faz assim no temporal

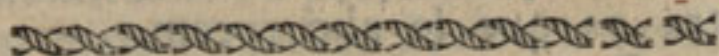
como no espirital; o grande Myſterio da Redempção.

Para mover ao amor do proximo, deve propôr o fim, para que fomos creados; a ſemelhança entre huns, e outros, com que Deos nos creou; as utilidades da uniaõ; as funeſtas conſequencias da diſcordia; as promeſſas, que o Senhor faz aos que mutuamente ſe amaõ; as ameaças, que fulmina contra os que ſe aborrecem.

Para excitar o odio ao peccado, deve moſtrar, quanto elle ſe oppõe a Deos, e quam deteſtavel he na ſua Prezença; propondo com as côres mais vivas a ſua enormidade: deve lembrar a neceſſidade da morte; a incerteza da hora; a ſeveridade formidavel dos Juizos de Deos; as penas do inferno, de que o peccador ſe faz reo; a felicidade eterna, a que perde o direito pelo peccado.

Da

Da mesma sorte proporá os motivos respectivos aos *affectos*, a que quizer mover seus Ouvintes: valendo-se da meditação, da lição da Escritura, e dos Santos Padres, e ainda de muitos livros espirituaes; aonde se achará tudo, o que ha de mais forte, e mais efficaz para se excitarem os *affectos* mais saudaveis, e christãos.



## CAPITULO IX.

*Da Dispozição.*

**N**Aõ he bastante ao Orador Evangelico ter idiado a Materia proporcionada ao Auditorio, e achado razões solidas, e convenientes, por meio d'huma boa *Invenção*: he necessario álem d'isto, que elle forme o seu discurso com huma  
*dij-*



*dispozição* taõ bem regulada, que as partes d'elle fiquem unidas entre si, e todas fação huma Oraçaõ agradavel, perfeita, clara, e conveniente; huma Oraçaõ tocante, e verdadeiramente persuaziva. Sem esta *Dispozição*, e boa ordem, o discurso naõ será mais que huma confuzaõ, da mesma forte que os materiaes necessarios para hum edificio juntos em hum montão.

He pois a *Dispozição* huma bem ordenada, e natural distribuiçaõ das partes da Oraçaõ, das razões, e dos argumentos, apta para persuadir. Ella põe tudo em seu proprio lugar (a): ella distingue as couzas humas das outras, e as põe por ordem de forte, que distinctas entre si, formaõ todas hum todo perfeito. Ella faz, que o prin-

N

ci-

---

(a) Quintil. l. 7. cap. 1.

cipio dê luz ao que se segue ;  
 que as primeiras razões concor-  
 dem com as ultimas ; que as  
 ultimas fortifiquem as primei-  
 ras ; que os principios susten-  
 tem a concluzaõ ; que a con-  
 cluzaõ verifique os principios.  
 Em huma palavra : a *Dispozi-  
 ção* faz , com que o discurso  
 vá sempre subindo , e fortifi-  
 cando-se cada vez mais , já com  
 a valentia dos argumentos , já  
 com o solido , e fundamento das  
 razões , já com o especiozo das  
 authoridades , já finalmente com  
 o sublime do estilo.

Regra  
 1.<sup>a</sup>

Deve o Orador advertir: 1.<sup>o</sup>  
 que a *dispozição* dos argumen-  
 tos ha de fazer-se por *Collec-  
 ção* ; a qual consta de cinco par-  
 tes: 1.<sup>a</sup> *Propozição* , em que se  
 expõe breve, e claramente o que  
 se quer provar: 2.<sup>a</sup> *Razaõ* , com  
 que se mostra verdadeiro o que  
 se propóz : 3.<sup>a</sup> *Confirmação* , que  
 corrobora com argumentos a

Ra-

*Razaõ* : 4.<sup>a</sup> *Exornaçaõ*, que orna, e amplifica a prova : 5.<sup>a</sup> *Concluzãõ*, em que se faz hum breve compendio dos argumentos.

2.<sup>o</sup> Que a collocaçaõ dos argumentos seja tal, que a Oraçaõ vá crescendo cada vez mais, e nunca se diminua. Por esta cauza os argumentos fortes tem o seu lugar no principio, os mais fortes no meio, os fortissimos no fim : e d'esta forte vai o discurso elevando-se, e subindo naturalmente ( *a* ); e os Ouvin-

*Regra*  
2.<sup>a</sup>

N 2

vin-

---

(*a*) Esta ordem parece a mais natural. Não ignoro os diversos sentimentos, que ha n'esta materia ; mas também não posso deixar de dizer, que pondo-se os argumentos mais fortes no principio, e depois os menos fortes, como dizem alguns AA., já o discurso vai decabindo, em lugar de subir: o que nada tem d'eloquente. O motivo, em que se fundão os mesmos AA., não he tão attendivel, como parece ; porque, se os argumentos menos fortes não são capazes de conciliar a attençaõ dos Ouvintes, he me-  
lhor

vintes convencendo-se de cada vez mais.

Reg. 3.<sup>a</sup> 3.<sup>o</sup> Deve o Orador tractar primeiro aquellas couzas, que são necessarias para a intelligencia das que se seguem: proceder dos lugares communs para os particulares; dos mais claros para os mais occultos; dos mais faceis para os mais difficeis; dos sensiveis para os insensiveis; dos ordinarios para os extraordinarios.

Reg. 4.<sup>a</sup> 4.<sup>o</sup> N'isto, como em tudo o mais, he necessaria huma grande prudencia para applicar as regras estabelecidas; ou para as variar segundo as diversas circumstancias, que occorrem. He necessario álem d'isto, que o Orador tenha hum entendimento e genio naturalmente

---

*Ibor não uzar d'elles, do que inverter a ordem d'huma perfeita eloquencia. Com tudo lea-se Quintil. l. 5. c. 12.*

te vivo, e os outros meios, de que já acima (a) falei.

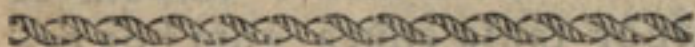
5.º Ultimamente fuja o Ora-<sup>Reg. 5.ª</sup> dor d'amontoar a hum discurso muitas razões, muitos argumentos, muitos exemplos, authoridades, e pensamentos: 1.º porque he moralmente impossivel dispôr tanta couza com boa ordem, e clareza; 2.º porque a grande abundancia não dá lugar a se amplificarem aquellas couzas, que são mais proprias para persuadir.

Tudo o que tenho dito, deve entender-se da *Disposição artificial*. Ha outra *Disposição*, a que Quintiliano (b) chama *economica*, e he propria da materia, que se trata: ella pede huma grande exacção, e attenção á propriedade da materia, ás PESSOAS, ao tempo ao lugar,

(a) Sup. pag. III. §. IV.

(b) L. 7. c. 1.

gar, e a outras muitas circumstancias particulares: e só á vista de todas ellas he que pôde fazer-se huma justa, e verdadeira *Dispozição economica* (a), a respeito da qual não podem dar-se regras certas.



## CAPITULO X.

*Das Partes do discurso.*

*Partes  
da Ora-  
ção.*

A mesma ordem natural está pedindo, que as *Partes*, de que consta hum discurso Oratorio, se disponhaõ de sorte, que formem todas huma Oração perfeita. São pois as *Partes* do discurso:

1.<sup>a</sup> *Exordio* he o principio da Oração, ou huma introdução

---

(a) Res ipsa, & exercitatio melius, quam ars, docent quæ debeat esse dispositio. *Foncec. Inst. Rhet. l. 2. cap. 1.*

ção ao discurso Oratorio, a qual tem por objecto conciliar a benevolencia, attençaõ, e docilidade dos Ouvintes.

2.<sup>a</sup> *Narração* he huma expozição d'aquelles factos, que são respectivos á materia da Oração.

3.<sup>a</sup> *Propozição* he huma summa da materia, que ha de tractar-se.

4.<sup>a</sup> *Confirmação* he a expozição dos argumentos, que provaõ a *Propozição*.

5.<sup>a</sup> *Refutação* he a dissolução dos argumentos contrarios.

6.<sup>a</sup> *Peroração* he huma recapitulação ou compendio de toda a Oração.

Esta he a ordem, que a mesma razão natural está mostrando, a respeito das *Partes* da Oração. Cada huma d'ellas tem suas regras particulares.

## §. I.

Do Exor-  
dio.

**P**Ara que o Orador Evan-  
gelico forme hum *exordio*  
perfeito, e com o qual possa  
conciliar a benevolencia, atten-  
çaõ, e docilidade de seus Ou-  
vintes, deve observar as regras  
seguintes.

*Reg. 1.<sup>a</sup>* 1.<sup>a</sup> Evitar com muito cuida-  
do, naõ só ser, mas ainda pa-  
recer arrogante, desprezador,  
maligno, soberbo, ou maldi-  
zente.

*Reg. 2.<sup>a</sup>* 2.<sup>a</sup> Mostrar huma decente mo-  
destia em seus pensamentos, nas  
suas palavras, na sua voz, e  
nas suas acções (a).

*Reg. 3.<sup>a</sup>* 3.<sup>a</sup> Evitar a ostentaçaõ; pa-  
ra que o Auditorio naõ desconfie  
do seu artificio; e nunca u-  
zando de metaphoras atrevidas;  
fu-

---

(a) Tenbo visto *Prégadores*, que lo-  
go no principio do *Exordio* deaõ pró-  
vas de que tem mais geito para *esgrimi-  
dores*, que para *Ministros* do *Evangelho*.



fugindo de toda a affectação.

4.<sup>a</sup> Fazer o *Exordio*, que te-  
 nha huma intima connexão com  
 o corpo do discurso; e que mos-  
 tre não ser composto de pro-  
 pósito ( *a* ), mas produzido co-  
 mo de repente, e tirado da mes-  
 ma materia. Para isto seria mui-  
 to util, que o Prégador não  
 compozesse o *Exordio* senão de-  
 pois de compôr o discurso; por-  
 que entãõ, tendo o entendimen-  
 to senhor da sua materia, to-  
 dos os pensamentos dirãõ res-  
 peito a ella ( *b* ).

5.<sup>o</sup> Fa-

(a) *Quintil. l. 4. cap. 1.*

(b) *Ha Sermões taõ extravagantes, que o Exordio não tem nem ainda huma palavra respectiva á materia d'elles. Eu já ouvi alguns d'esta qualidatz: hum principalmente foraõ trez sermões; o 1.<sup>o</sup> foi o Exordio, o 2.<sup>o</sup> a Confirmação, o 3.<sup>o</sup> a Conclusão; o bom do Prégador em cada huma d'estas trez partes fez seu Sermão, todos muito differentes pelas diversas materias, em que falou, que nenhuma connexão tinhaõ humas com outras.*

Reg. 5.<sup>a</sup> 5.<sup>a</sup> Falar d'hum modo claro ; com gravidade sem affectação; de maneira sublime , não exquizita nem pompoza.

Reg. 6.<sup>a</sup> 6.<sup>a</sup> Não se perturbar , como quem se esquece do que ha de dizer ( *a* ).

Observado tudo o que acabo de dizer , he facil conhecer os vicios , que fazem o *Exordio* imperfeito. Ser elle mais , ou menos extenso , depende da materia , á qual deve proporcionar-se ( *b* ), bem como a cabeça no corpo do homem.

No *Exordio* póde admittir-se o uzo das *Apostrophes* , e das *Prozopopéas* : Cicero fez huma , e outra couza. Mas não se segue d'aqui , que devamos uzar d'el-

---

O Exordio , que era muito albeio do Sermão da Festa , era elegante na verdade ; e por muitos motivos bem dava a entender , que o Prégador não o tinha composto.

(*a*) Quintil. l. 4. C. 1.

(*b*) Quintil. cit.

d'ellas sempre: quando forem a propozito, são utilísimas; quando a materia as não admitir, são oppostas á verdadeira Eloquencia.

A passagem do *Exordio* á *Narração*, ou á *Confirmação*, deve ter o seu fim tão ajustado com o principio das outras *Partes*, que tudo pareça huma ordem natural, e sem divizaõ sensível (*a*), que cauze alguma obscuridade.

Na expozição, e applicação do texto, em que se funda o *Exordio*, he que deve resplandecer hum modo sublime, e magestoso, occultando-se o artificio, evitando tudo o que he brilhantismo. Nas Orações Fúnebres, nas de Mysterios, e nos Panegyricos deve o *Exordio* principiar d'hum modo nobre e magnifico; nas Moraes deve ser hum

pou-

---

(a) Quintil. cit.

pouco mais moderado : mas sempre claro ; e antes mais curto e breve , do que extenso.

Principiar o *Exordio* por hum texto da Elcritura he couza , que o costume introduzido tem feito necessaria. Se o Sermaõ for no meio da Missa , do Evangelho d'ella deve tirar-se , e escolher-se bem aquelle texto , que tiver melhor analogia com a materia do Sermaõ : de forte , que o *Assumpto* se decentranhe do mesmo texto entendido , e tomado no sentido literal ou mystico ; fugindo de toda a interpretaçãõ violenta , e arbitraria : naõ seguindo hum , ou outro expozitor , mas fim o commum sentimento dõs Santos Padres , e dos expozitores de melhor nota ; evitando finalmente humas interpretações inteiramente nascidas d'hum espirito livre , cheias d'hum capricho particular , e por isso alhei-

as do Ministerio da Palavra.

Se o Orador no mesmo Evangelho não achar texto, do qual, tomando no sentido literal ou mystico, se não possa deduzir com naturalidade o seu *Assumpto*; elle deve n'este caso expôr o texto no seu genuino sentido, e depois passar ao seu principal objecto não *ex abrupto*, mas por huma transição artificioza, e como com hum novo *Exordio*, procurando, quanto poder ser, alguma semelhança ou vinculo com que venha a unir huma couza com outra. Pois em taes cazos he isto louvavel ao Prégador, por elle escolher antes este meio, do que tirar os textos do seu proprio sentido, e explicallos contra os sentimentos da Igreja: o que nunca foi, nem será permittido em tempo algum.

Naõ sendo o Sermaõ ao tempo da Missa, póde o Ministro  
do

do Evangelho escolher o texto ; de que mais naturalmente possa deduzir-se o seu *Assumpto*. Prégando Triduo , Novena , ou Tardes da Quaresma , póde livremente cada dia tomar hum texto : ou servir-se d'hum só em todos os dias , com tanto que , sem se lhe violentar o sentido , se possa tirar naturalmente o *Assumpto*.

Traduzido o texto no nosso idioma ; rezar a *Ave Maria* no principio ou no fim do *Exordio*, em latim ou vulgar , em voz alta , ou submissa , são circumstancias tão accidentaes , que ninguem deve embaraçar-se com ellas : porque ou se fação d'hum sorte , ou d'outra , ellas não augmentão , nem diminuem a força , nem a elegancia da Oração. Com tudo he mais prudente , que o Orador siga o que a prática tem já introduzido , a fim d'evitar a *novidade* , que a  
 elle

este respeito nada tem de pro-  
yeitoza.

Ainda que a *Propozição* se  
inclue no fim do *Exordio* das  
Orações Evangelicas, eu com  
tudo falarei primeiro da *Nar-  
ração*, que alguma vez póde  
ter lugar no mesmo *Exordio*,  
assim como tambem na *Confir-  
mação*; e por seguir a ordem  
dos melhores AA.

§. II.

**A**S *Narrações* proprias d' *Da Nar-  
hum Sermaõ*, que n'elle *ração*.  
algumas vezes saõ, ou devem  
ser expostas com frequencia,  
reduzem-se ás vidas dos San-  
tos, aos factos constantes na  
Historia Ecclesiastica, e aos ex-  
pressos na Sagrada Escritura. Tu-  
do o mais, que naõ diz respei-  
to a estas *Narrações*, pouco ou  
nenhum lugar tem nas Oraçõ-  
es Evangelicas.

Suas vir-  
tudes.

Toda a *Narração* deve ser *breve, clara, verdadeira; e verosimil*, quero dizer, que o facto não só seja verdadeiro, mas também narrado de sorte, que o pareça; que todos o acreditem, e reputem como verdadeiro; pois, como bem nota Quintiliano (a), ha muitas couzas verdadeiras, que não o parecem, e por isso não são creiveis, nem verosimeis. A'lem d'isto, a *Narração* deve ser *conforme á materia* do Sermaõ; *exposta com palavras proprias*, e significantes, não exquezitas, nem apartadas do uzo commum; *ornada*, para não ser insipida (b), nem cauzar fastio.

Ella tambem algumas vezes

---

(a) Liv. 4. C. 2.

(b) Quint. cit. Estas virtudes da clareza, brevidade, verdade, verosimilhança, proporção, e ornato propriedade, não só pertencem á *Narração*, mas tambem ás outras Partes do discurso.



zes admitte a digressão, para fazer a Oração mais plauzível (a): deve ser dividida, quando a materia o pedir. A *energia*, ou evidencia em a *Narração* he huma taõ grande virtude, que o Orador com ella não só diz a verdade, mas tambem a mostra como ella he.

A *Narração* admitte as *Apophthegmas*, que lhe daõ huma grande viveza; assim como tambem as *Prozopopéas*. N'ella devem tocar-se os affectos (b): o estilo deve ser ornado, mas com dissimulação (c), e sempre cheio d'elegancia. As expressões devem ser jocundas nas couzas alegres; e tristes nas funebres: graves nas sérias; e ornadas nas sublimes. Póde ter algumas passagens artificiozas, mas encubriendo-se o mesmo arti-

---

(a) Quint. cit. (b) Quint. cit.

(c) Quint. cit.

tificio. Admitte alguma descripção, mas breve. A *Narração* em fim deve ser cheia de força, e de magestade; variada com diferentes expressões, e com diferentes estilos conforme as diferentes materias, a que differ respeito.

## §. III.

Da Propozição.

A *Propozição*, que he hum breve compendio de tudo o que se ha de tractar na Oração, e a que vulgarmente chamaõ *Assumpto*, he sem duvida Parte essencial d'hum Sermaõ: no qual he indispensavelmente necessario que o Orador em poucas palavras declare a seus Ouvin-tes a materia, que vai a tractar; e a ordem, com que ha d'expolla; para que elles percebaõ o fim, a que se dirigem as suas provas; e para que estejaõ mais attentos.

Suas virtudes.

Deve pois a *Propozição* ser bre-

breve, clara, verdadeira, verosimil (a), util, e deduzida do texto. Ella deve servir d'alvo ao Prégador em toda a extensão do discurso. Quando ella he *simplez*, e se dá bem a conhecer o seu sentido, não só não necessita de *divizão*, mas nem *Divizão* ainda póde admittilla: pois he contrario á Eloquencia, alheio da propriedade, e natureza d'huma couza, o dividilla, quando ella naturalmente he indivizivel. Quando ella porém he *compоста*, e á primeira vista se não percebem as partes, de que se compõe, não só póde, mas deve dividir-se. Com tanto que a *divizão* só se faça em tantas partes, quantas sejaõ necessarias para a perfeita intelligencia da materia; que estas partes não sejaõ disparatas, nem só concordem no material das vozes;

O 2 mas

---

(a) Veja-se á pag. 208. no principio.

mas que sejaõ partes , que verdadeiramente se contenhaõ no seu todo : procurando-se cuidadosamente brevidade , e clareza ; e fugindo d' amontoar antitezes , que naõ servem se naõ d' huma vaã ostentaçaõ , e ás vezes d' obscuridade.

*Subdivi-  
zaõ.*

Quanto á *Subdivizaõ* , dizem huns , que ella enfraquece o discurso ; outros , que ella se deserre como inutil , e estranha a toda a Eloquencia. Tenho lido huma , e outra couza ; mas naõ posso deixar de dizer , que nenhuma das duas propozições he verdadeira absolutamente. Ellas em parte saõ verdadeiras , em parte falsas.

Saõ verdadeiras , quando a parte dividida he de sua natureza indivizivel , e por isso póde explicar-se claramente sem *Subdivizaõ*. Mas saõ falsas quando a parte dividida naõ póde expôr-se com clareza sem se sub-

di-

dividir. No primeiro cazo, a mesma natureza da couza, e a perfeita Eloquencia pedem, que se desterre a *Subdivizaõ*: no segundo, estaõ pedindo a mesma *Subdivizaõ*. Naõ a fazer no primeiro cazo, e fazella no segundo, he verdadeira elegancia: fazella no primeiro, e naõ a fazer no segundo, he contra toda a Eloquencia; he enfraquecer o discurso; he querer explicar a materia contra a sua mesma natureza.

Com tudo he necessario hum grande discernimento, huma grande prudencia para fazer com acerto a *Subdivizaõ*. (a)

---

#### §. IV.

(a) Sobre a unidade, e formalidade vej. pag. 223. e Part. 1.<sup>a</sup> pag. 70.

## §. IV.

Da Con-  
firmação.

**N**Aõ sendo a *Confirmação* outra couza mais, que huma expozição dos argumentos, com que se prova a *Propozição*; fica certo, que o Orador deve observar tudo o que já disse a respeito d'*Argumentação*, assim em quanto á materia, como em quanto á fórma.

Da Re-  
futação.

A *Refutação* anda sempre unida á *Confirmação* por hum vinculo necessario: pois para se provar huma *Propozição* devem dissolver-se as objecções, que se lhe oppõem; refutando-se com força tudo o que offende a *Propozição*; mas com subtileza, e sinceridade, naõ negando o que se deve conceder.

Para a *Refutação* devem empregar-se argumentos proporcionados á materia d'ella.

§. V.

**A** *Peroraçãõ*, que he huma *Perora-*  
*especie d' Analize*, ou *Con-*  
*cluzãõ* do discurso, he a ver-  
 dadeira Pedra de toque do Ora-  
 dor: he o Epílogo de toda a  
 Oraçãõ.

Ha duas especies de *Pero-*  
*raçãõ*: na primeira tem o Ora-  
 dor por objecto principal ajun-  
 tar, como em hum ponto de  
 vista exacto, e breve, tudo o  
 que tem tractado no seu dis-  
 curso; para que fique mais im-  
 presso na memoria dos Ouvia-  
 tes: na segunda elle deve unir  
 os affectos já tocados nas mais  
 Partes da Oraçãõ, excitallos de  
 novo, e mover a seus Ouvia-  
 tes a abraçar as verdades, que  
 lhes tem proposto. Para se fa-  
 zer huma *Peroraçãõ* elegante,  
 he necessario:

- 1.º Evitar toda a repetiçãõ  
uni-

uniforme (a), que não póde deixar de ser summamente odiosa :

2.<sup>o</sup> Dizer o mesmo, que já disse; mas com estilo mais sublime, com valentia mais forte, com expressões mais tocantes; empregando tudo o que a Arte póde ter de mais elegante, e mais persuazivo :

3.<sup>o</sup> Fazer esta Recapitulação breve de sorte, que não seja huma segunda Oração :

4.<sup>o</sup> Empregar no movimento dos affectos tudo o que a Eloquencia tem de mais pathetico, a fim d'attrahir as vontades, e arrastallas por huma violencia doce e suave :

5.<sup>o</sup> Uzar d'hum grande artificio; mas occultando-o, para que os Ouvintes o não percebaõ; e para que a Arte se não descubra. Diligencia taõ necessaria.

---

(a) Quintil. l. 6. c. 1.



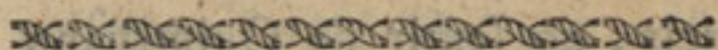
faria, no sentir de Quintiliano (a), que, segundo elle, a Arte n'esta materia, todas as vezes que apparece, deixa de ser Arte.

D'esta sorte, o Orador fará huma *Peroraçaõ* elegante, e perfeita; elle triunfará de seus Ouvintes, abalando suas vontades, tocando seus corações, movendo seus espiritos; e á maneira d'hum rio, que com a rapidêz de sua enchente arrasta e arruina tudo o que lhe reziste, elle arrebatará todo o interior de seus Ouvintes, e os conduzirá para onde quizer: pois na *Peroraçaõ* he que a Eloquencia triunfa, e alarga o seu imperio.

C A-

---

(a) Liv. 4. c. 2. no fim.



## CAPITULO XI.

*Dos diversos generos d'Oraçaõ.*

**O**S principaes generos do discurso Oratorio, que saõ proprios do Orador Evangelico, saõ: *Deliberativo*, *Demonstrativo*, *Didascalico*, *Humiliatico*, *Mixto*.

*Generos  
d'Ora-  
çaõ.*

## §. I.

*Delibera-  
tivo.*

**G**enero *Deliberativo* he aquelle, em que o Orador tem por objecto persuadir a virtude, e desuadir o vicio. Elle he taõ proprio do Ministro do Evangelho, que em todas as suas Orações tem algum lugar; ou sejaõ de Mysterio, ou Panegyricos, ou quaesquer outras Orações Evangelicas, sempre elle deve recommendar a

*virtu.*

virtude, e despersuadir o vicio. Com differença porém, que nas mais Orações he a Propozição respectiva á materia d'ellas; mas n'este genero a mesma Propozição diz respeito a mostrar a virtude estimavel, e o vicio digno d'abominação: nas mais ordinariamente só se fala da practica da virtude, e da fugida do vicio, na Peroração; mas n'este genero persuade-se huma couza, e dissuade-se outra em todas as Partes do discurso.

A este genero convêm huma Eloquencia vigorosa, nobre, e mais ou menos sublime, conforme o pedir a materia. He necessario hum grande discernimento d'aquillo, que he proprio das Pelloas, dos lugares, e dos tempos, a fim de se proporem as verdades pelo modo mais proporcionado aos diversos generos d'Ouvintes.

Não deve o Orador conten-

tentar-se unicamente com persuadir o bem, e dissuadir o mal: elle deve, além d'isto, ensinar o modo mais facil, e prescrever os meios mais proporcionados, e seguros de praticar hum, e fugir outro.

## §. II.

*Demonstrativo.*

**G**enero *Demonstrativo* he aquella, em que o Ministro Evangelico tem por objecto elogiar algum fugeito, e enumerando as suas acções heroicas. Quanto ao vituperio, em que os Rhetoricos ordinariamente falaõ n'este genero, eu nada direi, por ser esta materia totalmente alheia do Ministerio.

As Orações, que mais se representam no Pulpito respectivas a este genero, saõ os Panegyricos, em que se elogiaõ os Santos; e as Orações Funebres

bres nas Exequias dos Grandes do Seculo. Humas, e outras tem circumstancias particulares, que devem attender-se. Quanto aos Panegyricos dos Santos deve o Orador advirtir: *Panegyrico.*

1.º Que o fim d'estes Sermões não he, como diz S. Bazilio, mostrar, que os Santos, de quem fala, forão Santos; mas sim referir as suas virtudes, como argumento para mover os Ouvintes a imitar os mesmos Santos; a reconhecer a virtude do Espirito Santo, que os fez superiores ao Mundo; a implorar os soccorros da Graça, a fim de serem exactos observantes da Lei, e alcançarem a feliz Recompensa, de que elles gozão no Ceo.

2.º Que o Panegyrico d'hum Santo não he fazer huma simples narraçãõ da sua Vida; mas sim huma recopilaçãõ das acções principaes, e das virtudes mais ef-

especiosas , reduzindo-as a hum certo principio , ao qual se refira tudo o que se diz mais consideravel da sua Vida : sem que seja necessario observar a ordem , que as acções tiveraõ em sua execuçaõ ; pois esta simplicidade he mais propria d'huma simples historia, que d'hum Panegyrico.

3.º Entre huma , e outra virtude não só podem , mas devem fazer-se algumas interrupções , a fim d'applicar hum *simile* , de fazer huma reflexaõ moral , de dar lugar a huma applicaçãõ da Escritura : em huma palavra , para amplificar o discurso ; mas de sorte , que tudo diga respeito á Proposiçaõ , e que as reflexões não sejaõ mais extensas do que a narraçaõ das mesmas acções.

4.º Não deve o Panegyrico perder-se de vista , por occupar-se o Orador em prolongadas instrucções sobre o vicio opposto á virtude , que se louva.

5.º Quan-

5.º Quando o Prégador não tiver mais que huma Virtude, sobre que discorra, elle deve pôr cuidado em que tudo o que houver de dizer, tenha huma perfeita relação para essa tal Virtude, sobre que se elogia o Santo.

6.º He necessario, que o discurso tenha huma perfeita *uni- Unidade.* *dade*; a qual não consiste em outra cousa mais, que huma proposição, que se dirige a explicar todas as Virtudes, as quaes se reduzem a huma acção mais assinalada; que faz o principal caracter do Santo. O que melhor se dá a conhecer com hum exemplo. Supponhamos, que tem o Orador de prégar hum Sermão do Grande Baptista: elle verá, que o seu nascimento foi annunciado pelo Anjo; que elle foi hum Enviado de Deos para Precursor do Messias, segundo os Vaticinios d'Isaias, e Malaquias,

quias ; a sua conceição milagro-  
 sa ; que foi vizitado , e santifica-  
 do pelo Salvador ainda no ven-  
 tre materno ; que a sua peniten-  
 cia foi austera ; que baptizou ao  
 Messias ; e mereceo , que o mes-  
 mo Salvador lhe chamasse mais  
 que Profeta , e affirmasse que en-  
 tre os nascidos das mulheres não  
 ha outro maior que Joaõ Baptis-  
 ta : verá finalmente a santa liber-  
 dade , com que reprehendeo a  
 Herodes do seu incesto , e o va-  
 lor , com que soffreo a tyrannia  
 da sua degollação. Esta he a ma-  
 teria bastantemente ampla , para  
 formar hum perfeito Panegyri-  
 co. Mas o Prégador não deve  
 propôr isto assim no seu Assum-  
 pto , nem promettendo fazer  
 ver todas estas acções juntas ,  
 nem alguma d'ellas em particu-  
 lar : porque , se assim o fizesse ,  
 a *unidade* do dezenho se perdia  
 inteiramente. Para evitar este de-  
 feito , deve procurar huma Vir-  
 tu-



tude, e descobrir huma prerogativa, da qual possaõ nascer todas estas acções; prerogativa, que dê bem a conhecer o caracter do Santo; e á qual possa referir-se tudo o que no discurso se disser em elogio do Santo. Isto supposto, póde o Orador tirar por Assumpto, e usar d'esta Proposição: „ O Baptista, pelas suas „ singulares Virtudes, foi Grande „ de diante de Deos (a). „ Eis aqui a grandeza do Santo, que se propõe por Assumpto; d'ella nascem, e a ella se reduzem não só as sobreditas acções, mas tudo o mais, que se disser em seu louvor; porque tudo vai mostrando a Grandeza do Baptista diante de Deos: e por isso esta Proposição conserva a *unidade* do discurso. Mas se o Prégador tirar este Assumpto: „ O nosso „ Santo baptizou ao mesmo Sal-

P

„ va-

---

(a) Luc. 1. 15.

„vador: „ com elle não póde conservar a *unidade* do discurso ; porque as mais Virtudes do Santo , que ha d'expôr no seu elogio , nem provaõ o Assumpto , nem rigorosamente se referem a elle. N'este defeito labora huma grande parte dos Pannegyricos , que se ouvem pelos Pulpitos:

7.º A Proposiçaõ , pelo que acabo de dizer , deve ser mais universal do que particular , com a qual tenhaõ connexaõ as Virtudes , de que houver de falar : e que exprima o proprio caracter do Santo ; pois não he justo , que se represente como Apostolo hum Santo , que não contribuiu á conversãõ dos Povos por meio da prégacaõ : procurando sempre , podendo ser , alguma cousa de singular , que distinga hum Santo do outro ; e fugindo de tirar hum Assumpto  
ge-

geral, que possa convir a qual-  
quer Santo.

8.º Todas as acções, de que se fórma o Panegyrico, devem hir provando a Proposiçãõ principal, ou o Assumpto: por isso este, como já disse, deve constar d'huma Virtude, ou prerogativa mais afinzada, e universal, que comprehenda, e a que se refira tudo o que se disser no Panegyrico.

9.º As grandezas do Mundo ou não devem ser parte do elogio, ou só tocadãs de passagem, e de modo, que o Auditorio conceba o maior apreço, que o Santo fez das Virtudes, desprezando tudo o que he terreno, e caduco. Os defeitos d'hum Santo, antes da sua conversãõ, podem manifestar-se: 1.º para mostrar a sua correspondencia á Graça da Vocação: 2.º para dar esperança aos peccadores, e persuadillos a confiar que Deos o-

brará com elles a mesma Graça:

*Oração  
Fúnebre.*

*Oração Fúnebre* he huma confusão, ou mistura do Sagrado, e do profano. Tem por fim engrandecer as acções dos mortos, e por adjuncto satisfazer á vaidade, e applaudo dos vivos, *Oração*, que n'outro tempo não convinha aos Ministros do Evangelho. Ella he das cousas mais difficultosas da Oratoria Christam; porque sendo ella hum elogio Sagrado, pelo que respeita ao lugar, e ao Orador, he tambem profano, pelo que diz ordem ao objecto. O Sagrado não deve fazer perder de vista o Heroe, que se elogia: o profano tambem não deve dar lugar, que o Orador perca o decoro devido ao Ministerio. Para se descobrir materia para o Elogio Fúnebre do sujeito, deve o Prégador do Evangelho reflectir:

*Antes da  
vida.*

1.º Na distincção, e nobreza,

za, ou na humildade dos ascendentes. Se foraõ illustres, d'isto mesmo resulta huma grande gloria ao fugeito como descendente d'huma tal Familia. Se foraõ humildes, sempre lhes resulta a ventagem de progenitores de tal heroe:

2.º Na qualidade da Patria; se for célebre, mostra-se a sua excellencia em ter sido o lugar do seũ nascimento: e ao mesmo fugeito resulta a gloria d'haver nascido em tal paiz. Se for de pouca memoria, sempre tem a ventagem d'ahi ter nascido hum homem taõ recommendavel á posteridade.

3.º Se antes do nascimento houve algum signal, ou vaticinio de Pelloas virtuosas; porque isto, sendo verdadeiro, faz ver que o Ceo destinou o fugeito para algumas cousas agradaveis a Deos. Tal foi o signal, antes do nascimento de Santo Efrem, pa-

parecendo a seu Pai , que via sahir do ventre de sua mulher huma vide frondosa com fructos maduros : hum caõ ladrando nas entranhas da Mãi de S. Bernardo : os latidos , que a Mãi de S. Vicente Ferrer ouvia em seu ventre ; e o sonho , que o Pai antes tinha tido de que hum Prégador Dominico do Pulpito lhe dava o parabem do filho , que brevemente havia de ter famoso em santidade.

*Na vida.*

4.º Depois do nascimento póde haver algum signal mysterioso , que dê materia para o elogio. Tal foi o enxame d'abelhas , que se poz na boca de Santo Ambrosio estando no berço ; e o que fabricou o favo de mel na maõ direita de S. Pedro Nolasco.

5.º Se o sугeito contribuiu para a felicidade dos Póvos , e socego público , póde o Orador de-

deduzir d'aqui hum grande cumulo de louvores.

6.º Assim como tambem das suas acções heroicas; das suas Virtudes; dos seus talentos, e empregos; das suas riquezas, e do bom uso, que d'ellas fez remediando com liberalidade caritativa as necessidades dos pobres. A sua sabedoria; a sua rectidão; a communicacão com os homens sabios, e virtuosos; o amor a tudo o que he pio, daõ muito boa materia para o elogio.

7.º Depois da morte póde *Depois da morte.* servir o sentimento dos Póvos, as suas lagrimas; a saudade da Patria, e dos amigos pios, e virtuosos; porque tudo isto mostra a grande estimaçãõ, que d'elle se fazia; e recommenda o seu merecimento.

Observado tudo o que for respectivo ao fugeito, deve o Orador usar d'hum estylo sublimado,

me , e magnifico , de tudo o que ha de mais elegante , de mais magestoso , e de mais forte ; mas sempre com sinceridade Christam.

Sobre tudo , para conciliar o Sagrado com o profano , deve o Prégador propôr tudo o que differ , de modo que faça ver os effeitos , que a graça produzio no heroe , a quem faz o elogio ; os beneficios , que mereceo pela permissaõ do Senhor , e Creador de todas as cousas : a fim d'excitar em seus Ouvintes huns desejos pios , e propositos sinceros de fazerem tudo o possivel para adquirir as Virtudes , que estaõ ouvindo engrandecer. Tal he a differença entre o Orador Sagrado , e profano , nascida dos diversos fins ; pois este só elogia por louvar : o que não está bem ao Orador Evangelico.

Mas nem por isso deve este cahir no absurdo d'applicar ao seu



feu Assumpto alguma Profecia da Sagrada Escritura , mostrando , que as acções do fugeito estavam já vaticinadas pelos Profetas. Erro bem digno de reprehensão ; e em que muitos Oradores tem claudicado , sem advertirem que a sua applicação he contraria aos sentimentos da Igreja , e á exposição dos Santos Padres ; e que o Concilio de Trento (a) expressamente prohibe o uso dos textos da Escritura applicados a cousas profanas , e fabulosas.

Por este mesmo principio , se o Orador trazer alguns textos Sagrados , nunca deve applicallos ao fugeito , que elogia ; mas só apontallos em confirmação , e para excellencia das Virtudes , que louva. E a não ser assim , não deve usar de semelhantes textos. A

---

(a) Concil. Trid. Sess. 4. Decret. de usu sacr. libr.

A Proposiçãõ depois do Exordio deve ser tal, que manifeste o dezenho do discurso; e que conserve huma taõ rigorosa unidade, que tudo o que se differ, vá provando a mesma Proposiçãõ, como já disse.

## §. III.

*Genero Didascalico.*

**G**enero *Didascalico*, ou *Instructivo* he aquelle, em que o Orador ensina aos Póvos as Verdades do Evangelho, que dizem respeito á crença. A este Genero pertencem os Sermões de Mysterio, que tem por fim ensinar o que os Fieis devem crer: Sermões, que na verdade tem muitas difficuldades na pratica. Por isso advirta o Orador:

1.º Que, quando explica a seus Ouvintes os Mysterios da Fé, naõ deve só instruillos nas Verdades fundamentaes, que haõ de crer; mas tambem cuidar

dar em excitallos a conformarem seus costumes á verdadeira crença ; de modo que os Ouvintes se vejaõ obrigados a praticar aquellas virtudes , para que os Mysterios os conduzem. D'outra sorte , não será o discurso hum Sermaõ de Mysterio , mas sim hum discurso meramente Theologico.

2.º Escolher huma Proposiçaõ , que reine em todo o discurso , e lhe sirva d'Assumpto , conservando a mesma unidade , de que já falei.

3.º Tractar n'estes Sermões a Moralidade propria dos mesmos Mysterios ; que não lhes seja estranha ; mas sim deduzida , e desentranhada do mesmo fundo da materia mysteriosa. Mas sempre de maneira , que a unidade se vá seguindo ; que tudo seja hum discurso bem seguido , e não faça muitos , e diversos discursos separados : em huma

ma palavra , que tudo se inclua  
no mesmo genero.

4.º Depois de ponderar as  
circunstancias do Mysterio , he  
mais natural applicar a Morali-  
dade respectiva logo depois da  
mesma circunstancia , e antes de  
passar a outra parte do Mysterio;  
porque assim se conserva melhor  
a unidade.

5.º He muitas vezes necessa-  
rio recorrer á Theologia : mas  
he igualmente necessario fugir  
aos termos da Escola ; usando  
d'huma fraze mais agradavel ,  
d'expressões mais fortes , de pen-  
samentos mais nobres , e mais  
elevados ; e com hum estilo ver-  
dadeiramente sublime , mas nun-  
ca afastando-se do natural , nem  
cahindo em affectações , como  
varias vezes tenho dito.

§. IV.

**H** *Omilia* he hum genero d'O- *Homilia.*  
 raçaõ, em que se explica  
 a Epistola, ou o Evangelho do  
 dia. Este genero d'Oraçaõ he  
 muito util pela sua simplicida-  
 de; pela novidade do mesmo  
 discurso; e pelas muitas verda-  
 des importantes, que com mais  
 facilidade se explicaõ n'estas O-  
 rações do que em outras. Do  
 estilo das *Homilias* uzáraõ muito  
 os antigos Padres: elle ainda  
 hoje he mui proprio dos Senho-  
 res Bispos, e dos Reverendos  
 Parocos.

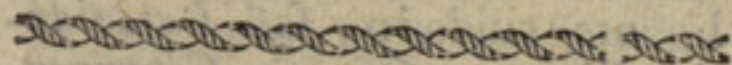
O estilo das *Homilias* consiste  
 em recitar logo no principio to-  
 do o Evangelho, ou toda a E-  
 pistola do dia. Depois, podendo  
 ser, unem-se todas as suas par-  
 tes em hum só ponto: discorre-  
 se sobre elle, comprovando tu-  
 do com os textos, que se con-  
 tem

tem no mesmo Evangelho, ou Epistola. Se porém as diferentes materias não permittem a redução em hum só ponto, dividem-se em dois ou tres pontos diferentes. Fazem-se aquellas reflexões moraes, que firvão para instrucção dos Ouvintes: mas tudo com ordem, e sempre com fim determinado, a que tudo se refira; conservando a perfeita unidade propria a todo o discurso.

Para deduzir o ponto, he necessario primeiro que tudo reflectir no fim, que a Igreja se propõe em nos apresentar o Evangelho, ou Epistola do dia: e d'este mesmo fim he que deve deduzir-se o ponto.

*Mixto.* Ha outro genero d'*Homilia*, a que chamaõ *Composto*, ou *Mixto*: porque em parte he *Homilia*, em parte he hum *Sermaõ methodico*. Taes são a maior parte das *Homilias* de S. Joaõ Chrysofostomo

mo ao Povo d'Antioquia, tanto pela sua fórma, como pela sua substancia.



## CAPITULO XII.

### *Da Elocuçãõ.*

**A** *Elocuçãõ* he huma accom- Elocu-  
çãõ.  
*modaçãõ de palavras, e sen-  
 tenças proporcionadas á materia  
 da invençãõ.* Ella he a que con-  
 stitue o Orador eloquente: he a  
 parte effencial da Oratoria, e a  
 que dá ás outras partes todo o  
 seu merecimento. Sem ella, as  
 razões, e argumentos mais bem  
 achados, a distribuiçãõ mais or-  
 denada entre as partes do discurs-  
 so, tudo he fastidioso, e des-  
 agradavel; nada convence, nada  
 move. Ella he a parte mais diffi-  
 cultoza d'adquirir. Os meios,  
 por onde se póde conseguir, ve-  
 jaõ-

jaõ-se no Cap. 2. §. 4. pag. III.  
e seg.

*Virtudes  
da Elo-  
cução.*

As virtudes da *Elocução*, em que o Orador deve pôr hum diligente cuidado, são *Latinidade*, *Clareza*, *Ornato*, *Congruencia*.

§. I.

*Latini-  
dade.*

**L** *Atinidade* consiste na propriedade das palavras, das frases, dos idiotismos, e da Syntaxe respectiva ao Idioma, em que se fala. Esta virtude he como fundamento de todas as mais. Ella tem seus vicios oppostos, que se devem evitar cuidadosamente; que são:

*Vicios  
oppositos.*

1.º *Barbarismo*, que he usar de palavras rusticas; v. g. *Pescudar* em lugar de *Procurar*.

2.º *Solecismo* he inverter a ordem, que pede a boa Grammatica; v. g. querendo dizer: *Eu fiz*, e dizendo: *Eu fez*.

3.º *Barbara dicção* he, falan-



lando em huma lingua , misturar palavras proprias d'outra ; v. g. *Miraculosa* em lugar de *Milagrosa*. N'este vicio cahem aquelles Oradores , que nos seus Sermões usaõ de palavras Francezas , sem necessidade , e sem attenderem o muito que isto se oppõe á verdadeira Eloquencia : excepto quando naõ houver palavras proprias , e significantes ; o que raras vezes acontecerá.

## §. II.

**C**larezza consiste 1.º em usar *Clarezza* de palavras proprias , claras , significantes , e taes , que dem a conhecer todo o conceito de quem fala : 2.º em formar o contexto sem demaziada extençãõ , ou brevidade , de sorte que os Ouvintes naõ só percebaõ , mas que seja impossivel naõ perceberem o sentido da Oraçaõ.

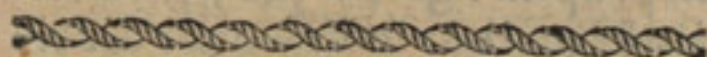
Contra esta virtude obraõ *Vicios oppostos* aquelles

aquelles , que uſaõ de termos equivococõs: os que amontoaõ palavras vans , e ſuperfluas : os que ſaõ taõ laconicos , que apenas ſe percebem a ſi meſmos : os que uſaõ de *parentheſes* , e *digreſſões* frequentes , e extenſas : os que , para ſe inculcarem instruidos , introduzem noticias improprias , e queſtões delicadas , tudo alheio do Aſſumpto de que tractaõ , e do Auditorio a quem falaõ.

## §. III.

*Ornato.* **O** *Rnato* he a Virtude mais eſſencial da *Elocuçãõ*. Deve pois o Orador ornar , quanto lhe for poſſivel , as ſuas Orações , a fim de conciliar mais a attençaõ dos Ouvintes , e de ganhar-lhes com mais facilidade os corações : advertindo , que a Eloquencia naõ deve ſer ornada como as mulheres. As virtudes , com que ſe orna a *Elocuçãõ* , e  
que

que constituem huma boa parte da Eloquencia, são os *Tropos*, as *Figuras*, e a *Composiçaõ*. Sobre o que vou a dizer alguma cousa, por não interromper o que pertence ao *Ornato*: reservando por isso o que diz respeito á *Congruencia*, para o Capitulo XVII. pag. 291. Congruencia.



## CAPITULO XIII.

*Dos Tropos.*

**T** *Ropo* não he outra cousa fe- Tropos.  
 não a *mudança d'huma palavra tirada da sua propria significação, para outra, feita com graça*. Dos *Tropos* huns servem para exprimir melhor o que se quer dizer, outros para ornato da *Oração*; á qual huns, e outros dão huma grande formosura, e ornamento. Por isso indif-

ferentemente vou a falar d'elles.

Os *Tropos* são innumeraveis; porque também são innumeraveis os modos de tirar as palavras da sua propria significação. Com tudo tractarei dos mais principaes, e que maior uso tem.

*Meta-  
phora.*

*Metaphora* he a mudança, que se faz d'hum nome tirado da sua propria significação, para exprimir melhor o que quer dizer-se. Faz-se de quatro modos.

1.º Pondo huma cousa animada pôr outra, v. g. querendo explicar a braveza de Paulo, e dizendo: *Paulo he hum leão*: 2.º pondo a cousa animada por outra inanimada, e dizendo: *Os prados riem-se*: 3.º tomando a cousa inanimada em lugar do que tem vida, v. g. *Foi hum raio na guerra*: 4.º tomando as inanimadas huma por outra, v. g. *a fome pela cubica*. A *Metaphora* deve ser natural, assim como outro qualquer *Tropo*, ou *Figura*.

*Sy-*

*Synedoché* he hum *Tropo*, em *Synedoché* que a parte se toma pelo todo, *che.* ou o todo pela parte, v. g. a *Vé-la* pelo *Navio*; ou pelo contrario: tambem, quando se toma o plural pelo singular, dizendo; *Nós* em lugar d'*Eu*: ou pondo hum em lugar de muitos, dizendo; o *Francez* venceo a *batalha*. Estes são os usos mais ordinarios da *Synedoché*, a qual não deve ser muito frequente.

*Metonymia* faz entender as *Metonymia* causas pelos effeitos, dizendo-se; a *ira precipitada*: a *morte palida*: ou tomando o continente pela cousa contida, dizendo, *Portugal* em lugar de *Portuguezes*.

*Antonozia* faz entender o *Antonozia* fugeito pela sua acção, ou officio, tomando o nome appellativo generico em lugar do proprio especifico, dizendo, o *Apóstolo* em lugar de *S. Paulo*.

*Epitheto* he hum apposto, ou *Epitheto* pre-

predicado, que se affirma d'al-  
gum fugeito, como quando di-  
zemos, o *Eloquentissimo Cicero*;  
o *Forte Sanjaõ*.

*Catachrese.* *Catachrese* serve de dar no-  
me áquillo, que o naõ tem,  
accommodando-lhe o nome ma-  
is semelhante; dizendo *Parri-  
cida* para explicar o matador do  
Pai.

*Allegoria.* *Allegoria* he uzar de pala-  
vras, que tem sentido muito  
diverso do que soaõ literalmen-  
te. Tal he a expressaõ do Sal-  
vador, „ Vede como essas terras  
„ já branquejaõ, e estaõ proxi-  
„ mas á seifa „ (a); falando da  
seara espiritual, e dando a en-  
tender, que os habitadores de  
Samaria estavaõ já dispostos a  
receber a doutrina de salvaçaõ.  
Este modo de falar he muito  
frequente nas Santas Escrituras.

*Ironia.* (b) *Ironia* he, quando pelo  
gef-

---

(a) Joan. 4. 35. (b) *Vej. infr. pag. 269.*

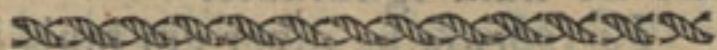
gesto, e modo de falar, e pelo contexto da Oraçãõ se da a entender o contrario do que as palavras soaõ: como quando dissermos, que hum fugeito he douto, dando a entender, que elle he hum ignorante.

*Periphrase* he dizer em muitas palavras o que se podia explicar em poucas. Este, e outros mais, que ordinariamente se põe no numero dos *Tropos*, saõ verdadeiras figuras.

*Hyperbato* naõ só naõ he *Tro-<sup>Hyper-</sup>po*; mas nem ainda tem lugar <sup>*bato.*</sup> no nosso idioma: pois a transposição de palavras, que se faz pela *Hyperbatõ*, só a julgo elegante na Lingoa Latina; e seria fastidiosa em o nosso idioma.

Ultimamente advirta o Orador, que na translaçãõ dos nomes sempre deve uzar d'outros, que sejaõ semelhantes; reflectindo, para isto, nos verdadeiros attri-

attributos das Pelloas, e das couzas: e que estas mudanças devem fazer-se com mais ou menos frequencia, segundo a Oraçaõ for mais ou menos vehemente.



## CAPITULO XIV.

### *Das Figuras.*

*Figuras.*

**F** *Figuras* he hum modo de falar, diverso do commum. Differem as *Figuras* dos *Tropos*, em que estes constituem em tirar as palavras da sua propria significaçãõ; aquellas fazem-se com as palavras proprias, mas collocadas por hum modo diverso do uzo commum de falar.

As *Figuras* saõ ou de palavras, ou de *Sentenças*. Aquellas consistem em huma bem orde-



denada collocaçãõ de vozes, e variaçãõ de palavras: estas constituem hum modo figurado pela mudança das couzas significadas pelas palavras. Humas, e outras são innumeraveis; porque outros tantos são os modos de falar figurados, quero dizer, diversos do uzo commum. Eu só tratarei das mais necessarias, e mais uteis para huma perfeita Eloquencia.

## §. 1.

**A**S *Figuras de Palavras* fazem-se ou com repetiçãõ, ou por semelhança, ou por contrariedade. As de repetiçãõ das palavras são

*De palavras.*

*Por repetiçãõ.*

*Anaphora* he repetiçãõ da mesma palavra no principio dos priodos. S. Cypriano, falando ds Confessores, uza d'esta *Figra*, dizendo:

*Anaphora.*

„ He Confessor; porem se-  
„ ja

„ ja humilde , quieto , e mo-  
 „ desto . . . He Confessor ; mas  
 „ he , se ao depois naõ blasfe-  
 „ mar a Magestade de Christo...

*Epistrophe*  
*phc.*

*Epistrophe* , ou *Conversaõ* he a repetiçaõ da ultima palavra do periodo. O Apostolo (a) uza d'esta *Figura* dizendo : „ El-  
 „ les saõ Hebreos : Tambem eu  
 „ o sou. Se saõ Israelitas : Tam-  
 „ bem eu o sou. E se saõ des-  
 „ contentes d'Abrahaõ : Tam-  
 „ bem eu o sou.

*Simploce.*

*Simploce* he huma *Figura* que comprehende as duas fo-  
 breditas , pela repetiçaõ da mes-  
 ma palavra no principio dos  
 periodos ; e por estes conclu-  
 rem tambem pela mesma pa-  
 lavra. S. Bernardo uza d'ela  
*Figura* , dizendo ; que o Chri-  
 taõ nas suas necessidades rec-  
 ra á Virgem Santissima. „ Sete  
 „ acomettem as tentações , eas

„ u-

---

(a) 2. ad Cor. 11. 22.

„ tribulações : invoca a Maria.  
 „ Se te acomettem as ondas da  
 „ soberba , d'ambição . . . invo-  
 „ ca a Maria.

*Epizeuxe* he a repetição suc- *Epizeu-*  
 cessiva da mesma palavra em *re.*  
 qualquer parte da Oração , pa-  
 ra exagerar , ou asseverar al-  
 guma couza. Por esta *Figura*  
 póde o Orador arguir os pec-  
 cadores , dizendo :

„ Vós , vós mesmos tendes  
 „ crucificado a Jesus Christo mi-  
 „ lhares , e milhares de vezes!

*Epanalepse* he , quando a *Epanale-*  
 ultima sentença conclue pelas *ps.*  
 mesmas palavras , por onde prin-  
 cipiou a primeira. v. g.

„ Ha muitos , que fogem á  
 „ occasião da culpa ; mas , que  
 „ resistão ao peccado depois de  
 „ mettidos na occasião , não ha  
 „ muitos.,

*Polyptoton* he variar as pa- *Polypto-*  
 lavras , e repetillas em differen- *ton.*  
 tes cazos : v. g. *He necessario*

*aos Christãos rezistir com força á força da tentação.*

*Anadiplose.*

*Anadiplose* he, quando a ultima palavra do primeiro periodo, ou membro, he a mesma por onde principia o segundo: v. g.

„ A salvação he para huma  
„ Alma o mais importante ne-  
„ gocio; negocio de maiores  
„ consequencias. „

*Synonymia.*

*Synonymia* he, quando se ajuntaõ diferentes palavras, que significaõ o mesmo. D'esta *Figura* uza S. Joaõ ( *a* ) dizendo:

„ O que vemos com os nos-  
„ sos olhos, o que prezenciá-  
„ mos . . . „

*Gradação.*

*Gradação* he huma repetição encadeada das mesmas palavras. D'ella uza S. Paulo ( *b* ), quando diz:

„ A tribulação produz pa-  
„ ci-

---

(*a*) 1. Joan. 1. 1.

(*b*) Ad Rom. 5. 3. e 4.

„ ciencia ; a paciencia experien-  
 „ cia ; a experiencia esperança  
 „ ( a ). „

Estas são as principaes *Fi-  
 guras de repetição.*

§. II.

**A**S *Figuras de semelhança* Por se-  
 melhan-  
 ça.  
 das palavras são Isocólon.

*Isocólon*, que he, quando  
 na Oração se põe huma serie  
 de palavras quazi todas com o  
 mesmo numero de sillabas, v. g.  
 „ Ninguem pecca senão quan-  
 „ do quer. „

*Semelhante Cadencia*, he quan- Seme-  
 lhante  
 Caden-  
 cia.  
 do na Oração duas, ou mais  
 partes acabaõ nos mesmos ca-  
 zos, ou nos mesmos tempos  
 v. g. „ Taõ grande he nos justos  
 „ o applauzo, como he nos  
 „ peccadores o desprezo. „

*Semelhante Decadencia* he, Seme-  
 lhante  
 Decaden-  
 cia.  
 quando os membros do Perio-  
 do

---

(a) Vid. pag. 256.

do finalizaõ no meſmo ſom;  
v. g. ,, Naõ póde ſer, que obre  
,, fortemente, quem vive tor-  
,, pementé.

## §. III.

Por con-  
trarieda-  
de.

**A**S *Figuras* de contrarieda-  
de conſiſtem em huma pro-  
porçaõ de páavras, que ſigni-  
ficaõ couzas contrarias. As prin-  
cipaes ſaõ

*Antitbe-  
ſe.*

*Antitbeſe*, que he hum con-  
trapoſto, e conſiſte nos penſa-  
mentos, e páavras oppoſtas hu-  
mas ás outras. Por eſta *Figura*  
diz S. Paulo (a): ,, Amaldiçoã-  
,, nos, e nós os abençoamos :  
,, perſeguem-nos, e nós os ſoffre-  
,, mos : dizem-nos affrontas, e  
,, nós lhes reſpondemos com ſup-  
,, plicas. ,,

D'eſta *Figura* uza Flechier  
na Oraçaõ Funebre da Duqueza  
d'A-

---

(a) 1. ad Cor. 4. 12. e 13.

d'Aguilhon, da qual diz : „ sim  
 „ se vio padecer ; mas não se  
 „ ouvio queixar : fez supplicas  
 „ por sua salvaçaõ ; mas ne-  
 „ nhuma por sua faude : esta-  
 „ va prompta a viver para aca-  
 „ bar sua penitencia ; e prom-  
 „ pta a morrer para consumir  
 „ seu sacrificio . . . „

*Cobabitacão* he , quando na *Cobabi-*  
 mesma couza ou Pessoa se ajun- *taçãõ.*  
 taõ couzas contrarias. Como  
 quando S. Paulo diz ( *a* ) : „ Eu  
 „ vivo ; mas não sou eu já o  
 „ que vivo , porque he Jesus  
 „ Christo o que vive em mim . „

*Paradiastole* he contraria á *Paradi-*  
*Cobabitacão* ; porque separa as *astole.*  
 couzas semelhantes. O mesmo  
 Apostolo nos dá hum bom ex-  
 plo ( *b* ) , dizendo : „ Padece-  
 „ mos tribulaçaõ ; mas não nos  
 „ angustiamos : . . . somos per-  
 „ se-

(*a*) Ad Gal. 2. 20.

(*b*) 2. Cór. 4. 8. e 9.

„seguidos, mas não dezamparados; fomos abatidos, mas não perecemos. „

Todas estas *Figuras* dão á Oração huma grande força, e ornato, quando se uza d'ellas com naturalidade, e sem frequencia que enfatie o Auditorio: circumstancias, que o Orador deve attender cuidadosamente a respeito do uzo de qualquer *Figura*.

## §. IV.

*Figuras de Sentenças.*

**A**S *Figuras de Sentenças* constituem a mudança das couzas significadas pelas palavras. Ellas são innumeraveis; mas eu só falarei d'aquellas, que conduzindo para ensinar, e para mover, d'hum e outro modo ornaõ a Oração, e a fazem mais forte, e persuaziva. Taes são as seguintes.

*Gradação.*

*Gradação*, sendo huma *Fi-*

*gu-*



*gura* de palavras, como já disse ( *a* ), he tambem d'algum modo huma *Figura* de *Sentenças*, pela qual vai o Orador subindo, ( como por grãos, de pensamento em pensamento, de sentença em sentença, que se vão augmentando cada vez mais ) até que chega áquelle grão d'elevação, a que aspira. Tal he o pensamento do Apostolo ( *b* ) :  
 „ Como haõ d'invocar aquelle,  
 „ em que não crem? E como  
 „ haõ de crer n'elle, se d'elle  
 „ não ouviraõ falar? Como  
 „ haõ d'ouvir falar, se ninguem  
 „ lho préga? Como lhes haõ  
 „ de prégar, se não forem en-  
 „ viados? „

Demosthenes uza da mesma *Figura*, dizendo: „ Não sómen-  
 „ te não disse estas couzas, mas  
 „ tambem não as escrevi: não  
 R „ só

( *a* ) *Supr.* pag. 252.

( *b* ) *Ad Rom.* 10. 14. e 15.

„ só naõ as escrevi , mas tam-  
 „ bem naõ executei a Legaçãõ :  
 „ naõ só naõ executei Legaçãõ ,  
 „ mas tambem naõ a persuadi  
 „ aos Thebaños.,,

*Diminui-  
 çãõ.*

*Diminuiçãõ* he , quando , ha-  
 vendo de mostrar alguma cou-  
 za grande , a diminuímos ; para  
 que naõ pareça ostentaçãõ vãã ,  
 como , quando qualquerpreten-  
 de mostrar o seu valor , diz : *Eu*  
*naõ sou taõ falto de forças , que*  
*tenha receio d'hir ao combate.*

*Frequen-  
 taçãõ.*

*Frequentaçãõ* he , quando se  
 ajuntãõ em hum lugar as cou-  
 zas espalhadas por todo o dis-  
 curso : como se vê n'este ex-  
 emplo de Cicero , o qual diz  
 contra Verres : „ De que vicio  
 „ he exempto este homem ? El-  
 „ le he Malsin da sua pudici-  
 „ cia , traidor d'alheia , libidi-  
 „ nozo ; ingrato para com os  
 „ amigos ; nocivo para com os  
 „ parentes ; contumaz para com  
 „ os superiores ; fastidioso pa-  
 „ ra

„ ra com os iguaes ; cruel pa-  
 „ ra com os inferiores ; final-  
 „ mente para todos intoleravel.,  
 Esta *Figura* he como hum raio ,  
 que fere os animos.

*Brevidade* he , quando ex- *Brevida-*  
*de.*  
 plicamos alguma couza , sem  
 ajuntar mais palavras que as ne-  
 cessarias para cabalmente se en-  
 tender. Santo Ambrozio ao Cap.  
 2.º de S. Lucas dá hum bom  
 exemplo d'esta *Figura* : elle diz :  
 „ Naõ ío dos Anjos , dos Pro-  
 „ fetas , e dos Pastores recebeo  
 „ testemunho a Geraçaõ do Se-  
 „ nhor , mas tambem dos An-  
 „ ciãos , e dos justos. . . A Vir-  
 „ gem concebe : a esteril tem  
 „ hum filho : o mudo fala : Iza-  
 „ bel profetiza : o Mago ado-  
 „ ra : o clauzurado no ventre  
 „ materno salta de prazer : a  
 „ Viuva confessa : o justo espe-  
 „ ra. „ Aqui se vê o muito , que  
 o Santo Doutor explica em pou-  
 cas palavras.

Preven-  
ção.

*Prevenção* ou *Prolepse* he ; quando prevenimos as objecções do Auditorio para as desvanecermos , a fim d'acreditar-se o que vamos a dizer. O mesmo fez S. Jeronymo ; pois tractando da constancia de Santa Melania na morte de seus dois filhos immediatamente depois da de seu marido , prevendo a incredulidade do Auditorio , desvaneceu d'este modo : „ Sobre isto vou „ a dizer huma couza , que pa- „ rece incrivel : mas Jesus Chris- „ to he Testemunha que não „ minto. Nem huma lagrima „ derramou : e prostrada aos pés „ do Senhor , disse : *Agora , meu „ Deos , mais desembaraçada vos „ hei de servir ; pois me livra- „ stes de tão grande obrigação.*

Interro-  
gação.

*Interrogação* he , quando perguntamos alguma couza. Esta pergunta ou he simples , e para saber o que ignoramos ; ou figurada , isto he para instar ,  
pa:

para reprehender, para admirar, ou para notar outro qualquer affecto. S. Paulo ( *a* ) uza da *interrogação* reprehensiva, dizendo: „ Acazo desprezas tu „ as riquezas da sua bondade, „ da sua paciencia? .. ignoras, „ que a bondade de Deos te „ convida á penitencia?

Elle uza d'outra pergunta ( *b* ) por admiração, dizendo: „ Huma vez mortos ao pecca- „ do, como viveremos ainda „ n'elle? „

Por compaixão elle faz outra interrogação, dizendo: „ Que „ diremos pois, senão que Is- „ rael não conseguiu o que bus- „ cava, que os escolhidos o „ conseguirão; e que os mais „ foraõ obcecados ( *c* )? „

*Exclamação* he hum signal *Exclama-*  
de *ção*.

---

(*a*) Ad Rom. 2. 4.

(*b*) Ad Rom. 6. 2.

(*c*) Ibid. 11. 7.

de movimento do nosso affecto ,  
 a respeito d'alguma couza , que  
 nos abála com vehemencia. Tal  
 he a do Apostolo ( a ) : „ O' Ga-  
 „ latas insensatos ! Quem vos  
 „ enfeitiçou para não obedecer  
 „ res á verdade ! Não he neces-  
 „ sario ajuntar a intrejeição O'.

*Apostro-  
 phe.*

*Apostrophe* he huma *Figura* ,  
 pela qual se interrompe o fio  
 do discurso , para o dirigir a  
 outra couza , ou Pessoa presente  
 ou auzente , viva ou morta. El-  
 la tem huma força admiravel pa-  
 ra mover. Mr. Massillon dá hum  
 bom exemplo d'esta *Figura* , no  
 Elogio funebre de Mr. de Vil-  
 lars Arcebispo de Vienna , di-  
 zendo : „ Piedozo Prelado , se  
 „ no seio d'Abrahaõ ( porque ó  
 „ meu Deos ! sem fondar aqui  
 „ a profundidade dos vossos  
 „ Conselhos , poderieis Vós fe-  
 „ char o vosso seio Eterno á-  
 „ quel-

---

(a) Ad Gal. 3. 1.

„quelle, que vos abriu sem-  
 „pre o seu na pessoa de vos-  
 „fos servos afflictos? ) Se no  
 „seio d'Abrahaõ, alma carita-  
 „tiva, vós gozaes já o fru-  
 „cto immortal de tantas obras  
 „de vida; se vós colheis as  
 „bençãos, que semeastes cá na  
 „terra; lançai sobre os ternos  
 „gemidos d'esta Siaõ triste al-  
 „gumas vistas favoraveis; sêde  
 „sempre seu espozo invizível.

*Hyperbole* he o excesso, com *Hyper-*  
 que encarecemos alguma cou- *bole.*  
 za, augmentando-a, ou dimi-  
 nuindo-a de sorte, que excede  
 os limites da fé. Por esta *Fi-*  
*gura* mostra Ozéas a grande mul-  
 tidaõ de peccados, *que tem al-*  
*lagado toda a face da Terra (a).*  
 Pela mesma *Figura* podemos  
 arguir a malicia do peccador,  
 e mostralla grande, dizendo,  
 que

---

(a) Ozéas 4. 2.

que a *sua iniquidade he tal*, que faz tremer o mesmo inferno.

Obscra-  
gãõ.

*Obscração* he huma fervo-  
roza supplica, que se faz a res-  
peito da couza, que já se tem  
provado, e amplificado. Esta *Fi-  
gura* serve muito para moveros  
affectos, principalmente quan-  
do procede da caridade do Ora-  
dor: por ella diz o Apostolo:  
(a), „ Rogo-vos, irmãos, pela  
„ misericordia de Deos, que  
„ lhe offereças os vossos cor-  
„ pos, como huma hostia San-  
„ ta, viva, e agradavel a seus  
„ olhos.

Adjura-  
gãõ.

*Adjuração* he huma suppli-  
ca, que se faz com huma espe-  
cie de juramento: como, quan-  
do S. Paulo escrevendo a Ti-  
motheo (b), diz: „ Testifico  
„ em presença de Deos, e de  
„ Jesus Christo ... esconjuro-  
„ te,

---

(a) Ad Rom. 12. 1.

(b) 2. ad Timoth. 4. 1. c 2,



„ te , que prégues a Palavra.

*Optação* he huma *Figura*, *Optação*;  
pela qual se mostra hum vehe-  
mente dezejo d'alguma couza.  
Tal he a de Moysés ( *a* ) : „ Ef-  
„ ta gente he sem conselho ,  
„ e sem prudencia : oxalá que  
„ elles soubessem , entendessem ,  
„ e previsses os novissimos.

*Imprecação* he huma *Figura*, *Impre-  
cação*.  
que mostra dezejo d'algum casti-  
go. Tal he a d'Ozéas ( *b* ) : „ Pe-  
„ reça , e acabe Samaria ; pois  
„ provocou a ira do seu Deos. „

*Admiração* he huma *Figura*, *Admira-  
ção*.  
pela qual admirando-se o Ora-  
dor , dá a conhecer a grandeza  
d'alguma couza. Tal he a ad-  
miração de Jeremias ( *c* ) : „ Co-  
„ mo está solitaria a Cidade ,  
„ que era cheia de Povo ! Co-  
„ mo se escureceo o ouro , e se  
„ mudou a sua mais bella cor !  
„ ( *d* ) „ *Pre-*

(*a*) Deuteron. 32. 28. e 29.

(*b*) Ozeas 14. 1. (*c*) Thren. 1. 1.

(*d*) Thren. 4. 1.

*Preterição.*

*Preterição*, ou *Occupação* he huma *Figura*, pela qual o Orador finge passar em silencio, ou tocar levemente alguma couza, dando-a mais a conhecer com isso mesmo, e insistindo sobre ella fortemente. Como se vê n'este exemplo de S. Cypriano: „ Calo as fraudes feitas á „ Igreja: passo em silencio as con- „ jurações, os adulterios... mas „ só huma cousa não posso calar.

*Reticencia.*

*Reticencia* he, quando se suspende o que se hia dizendo, e se declara o motivo da suspensão; como fez Cicero, dizendo: „ Atreves-te a dizer estas couzas, tu, que ha pouco tempo, á caza alhea? ... „ Não me atrevo a dizello; para que, dizendo couzas dignas de ti, não pareça dizer alguma indigna de mim.

*Empbasse.*

*Empbasse* he, quando se entende mais do que as palavras soão. D'esta *Figura* uzou Absalaão,

Jaõ , quando mandou matar a seu irmão Amnon , dizendo a seus creados ( a ) : „ Naõ te-  
 „ mais : eu sou o que vos man-  
 „ do. „

Cicero a favor de Ligario , tambem disse pela mesma *Figura* : „ Se . . . naõ houvesse tan-  
 „ ta bondade , a qual tu por ti ;  
 „ por ti digo , alcanças „ : dan-  
 do a entender , que naõ falta-  
 va quem o provocasse á cruel-  
 dade.

*Dúvida* he , quando o Ora- *Dúvida.*  
 dor finge estar indecizo sobre  
 o que ha de dizer , ou fazer ;  
 e parece , que o pergunta aos  
 Ouvintes. S. Cypriano em o Ser-  
 maõ dos Laplos uza d'esta *Fi-  
 gura* , dizendo : „ Que farei  
 „ n'este lugar , irmãos muito a-  
 „ mados ? . . . Como , e que fa-  
 „ larei eu agora ? „

*Concessaõ* he , quando con- *Conces-*  
 ce- *saõ.*

---

(a) 2. Reg. 13. 28.

cedemos áquelles contra quem disputamos, alguma couza que nem os ajuda, nem enfraquece o nosso discurso; mas antes o fortifica. Tal he a *Concessão*, de que uza S. Cypriano, falando do habito das Virgens; quando diz: „ Julgas, que deves „ uzar das riquezas, que Deos „ te deo: uza d'ellas; mas seja... „ para o que Deos manda. Co- „ nheçaõ-te rica os pobres. „

*Sustenta-  
gaõ.*

*Sustentação* he suspender por algum tempo os animos dos Ouvintes, dilatando a rezoluçaõ, e propondo-lhe por fim mais ou menos do que elles esperavaõ. Tal he a passagem de Cicero contra Verres, dizendo: „ Que „ julgaes vós do crime d'este „ Réo? Será por ventura algum „ furto, ou algum rapto? „ E depois de ter suspensos por hum pouco os animos dos Juizes, concluhio: „ Naõ: he muito pei- „ or „

Da

Da *Ironia* já falei (a). A-*Ironia*,  
gora digo com Turnebo, que,  
se a *Ironia* he breve, pertence  
aos Tropos; se he dilatada,  
pertence ás Figuras.

*Commu-nicação* he huma *Fi-Commu-  
gura*, pela qual o Orador pa-  
rece comunicar com os Ou-  
vintes as suas razões. Bourda-  
lou nos dá hum exemplo d'esta  
*Figura*, dizendo: „ Que dirieis  
„ vós, se em virtude da Pala-  
„ vra, que eu vos prégo, hum  
„ d'estes impios... se conver-  
„ tesse na vossa presença...? ...  
„ Haveria milagre, que mais  
„ vos tocasse? „

*Correcção* he huma *Figura*, *Correc-  
ção*.  
pela qual o Orador se retrata  
do que tem dito; como faz Mr.  
Flechier na Oração Funebre de  
Mr. de Turena, o qual, de-  
pois de o elogiar com o illu-  
stre da sua Ascendencia, se re-  
tra-

---

(a) Supr. pag. 246.

trata d'este modo : „ Mas que  
 „ digo eu ! parece , que em buf-  
 „ car-lhe os antigos braços da  
 „ sua Familia , menos o louvo  
 „ do que o calumnio . . . „

*Simile.*

*Simile* , ou *Comparação* he  
 huma *Figura* , que propõe o res-  
 peito que ha entre duas cou-  
 zas differentes. Póde servir d'ex-  
 emplo o *Simile* de Mr. Massil-  
 lon , o qual falando das reca-  
 hidas no peccado , diz : „ Hu-  
 „ ma primeira queda não ex-  
 „ tingue de repente as nossas  
 „ luzes todas : ella não he sem-  
 „ pre seguida d'huma noite  
 „ profunda. Na verdade o Eí-  
 „ piritto de Deos , Fonte de to-  
 „ da a luz , se retira , e não ha-  
 „ bita mais em nós ; mas ain-  
 „ da restaõ na alma alguns vesti-  
 „ gios de claridade. Assim co-  
 „ mo o Sol , quando não faz  
 „ mais que roubar-se ao nosso  
 „ emisferio , deixa nos ares im-  
 „ pressões de sua luz , que for-  
 „ maõ

„ não ainda como hum dia im-  
 „ perfeito; pois só á medida  
 „ que elle se retira, vai che-  
 „ gando em fim a noite pro-  
 „ funda: da mesma forte, á me-  
 „ dida que o peccado degene-  
 „ ra em habito, a Luz de Deos  
 „ se retira; as trevas crescem,  
 „ e se augmentaõ; e chega em  
 „ fim a noite profunda, e a ce-  
 „ gueira total.

*Energia* he huma *Figura*, *Energia.*  
 que não só dá huma idea das  
 couzas, mas faz d'ellas huma  
 representação tão viva, que quem  
 as ouve, as concebe com tal  
 viveza, que lhe parece as está  
 vendo com os proprios olhos.  
 He necessario advertir o que já  
 disse (a) a respeito da *Descri-*  
*pção*, a qual pertence a esta *Fi-*  
*gura*. A'lem do exemplo, que  
 alli aponteí sobre a mortandade  
 dos Santos Innocentes, eu vou  
 a

---

(a) Cap. 7. §. 1. pag. 164. e seg.

a propôr outro, que não he menos enérgico.

Querendo nós mostrar o fatal Fenómeno do primeiro dia de Novembro do anno de 1755., em que a famoza Corte de Lisboa a impulsos do mais horrozo Terremoto foi arruinada desde os seus fundamentos, destruida, e abrazada; se nós não dissermos mais que isto, não fará o nosso dicto muita impressãõ. Mas, se nós expendermos todas, ou as principaes circumstancias d'aquelle acontecimento, nós faremos huma representaçãõ a mais viva, e a mais enérgica, que porá mesmo diante dos olhos tudo o que ha tantos annos succedeo: e que não póde deixar d'abalar o coração mais duro. Nós faremos ver, que a Terra entãõ se moveo com taõ grande impeto, que parece queria soverter em suas entranhas tudo quanto o-  
bre



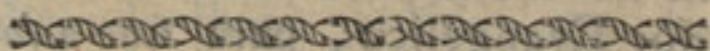
bre ella se achava. Os edificios mais pompozos , tanto sagrados como profanos , postos por terra : o mar fóra dos seus limites. Os homens huns sepultados nas mesmas ruinas , antes de mortos ; outros fugindo mais opprimidos do susto , que animados das proprias forças : huns encarcerados nas proprias cazas pelas ruinas , que lhes impediaõ a sahida ; outros cahindo das maiores alturas ainda nas camas , em que jaziaõ : huns agonizando entalados ; outros engolidos pelo mar. O fogo com as mais furiozas chammas consumindo tudo , abraçando a huns meios mortos , queimando outros ainda vivos. Aqui se via a mulher chorando a perda do espozoz , dos filhos , e dos mais familiares : alli se encontrava o marido lamentando a morte da espoza , e dos seus domesticos. Em huma parte hia

o menino entre suspiros, e lagrimas chamando pela mãe, que estava sepultada já nas ruínas; em outra hia o pai procurando o filho, que duvidava se estava morto, ou se andava perdido. A mulher grave, que nunca sahio de casa senão em carruagem a mais pomposa, alli se vê menos composta que a camponesa mais humilde. Os amigos, e os parentes encontrão-se huns com outros; quazi desconhecidos pelo aspecto mais de mortos que de vivos, com vozes termulas, traspassados de susto, em hum total dezalento, que nem ainda lhes dava lugar para as lagrimas. Não se ouviaõ senão ais, clamores, e gritos os mais funebres.

Ora bem claramente se vê, que estas, e outras mais circunstancias, expostas com clareza, não só dão a idéa do fatal

tal acontecimento, mas tambem o põe mesmo diante dos olhos com a *Energia* mais viva, e mais tocante.

Estas são as *Figuras* mais principaes, e as mais proprias para a Eloquencia do Pulpito.



CAPITULO XV.

*Da Composição; das Sentenças; da Dinósis; da Cópia; da Variedade; e da Digressão.*

NÃO só conduzem para Ornato da *Elocução* os *Tropos*, e as *Figuras*, de que já falei; mas tambem a *Composição*, as *Sentenças*, a *Dinósis*, a *Cópia*, a *Variedade*, e a *Digressão*. Sobre as quaes vou a dizer alguma couza.

## §. I.

Compozi-  
ção.

**C**ompozição, segundo Cornificio, he *huma bem disposta collocação de palavras, que faz igualmente polidas todas as partes do discurso.* Ella he muito necessaria ao Orador Evangelico, para que a *locução* não seja fastidiosa. N'ella deve observar-se huma tal ordem, que a Oração não se diminua; mas sim vá como subindo cada vez mais. Para isto he necessario:

1.º Nunca explicar com termos mais fracos aquillo, que já está expressado com mais força: 2.º enumerar primeiro as partes, e ultimamente o todo: 3.º a ordem natural pede, que primeiro se nomeie o homem, que a mulher; o dia, que a noite; o nascimento do Sol, que o seu occaso. Mas advirto com Turnebo, que o não ex-

explicar com menos o que já se  
 explicou com mais força, de-  
 ve entender-se n'afirmação: por-  
 que na negação deve observar-  
 se o contrario: como se vê n'es-  
 te exemplo, em que figuro a  
 hum Prégador arguindo a refi-  
 nada avareza de muitos ricos,  
 dizendo-lhes: „ Vós, que vi- Por affir-  
 „ veis n'abundancia, não só de- mação.  
 „ veis restituir aos pobres os  
 „ bens, que com injustiça rou- baes  
 „ bastes a elles mesmos; mas  
 „ ainda com o superfluo ao vos-  
 „ so estado tendes obrigação de  
 „ os soccorrer nas suas necessi-  
 „ dades. Porém a infelicidade  
 „ do tempo nos faz ver, que  
 „ vós não só não dais esmolas Por ne-  
 „ do vosso superfluo; mas nem gação.  
 „ ainda restituhis o alheio a seu  
 „ dono. „

A *Composição* he de dois  
 modos: *simples*, e *composta*. A  
*simples* he huma locução desti-  
 tuida de periodos numerosos,

e propria das conversações familiares. Tal he o modo de falar, com que Moylés no principio do Genesis conta simplesmente a verdade. „ No principio creou Deos o Ceo, e a Terra. „

A *composta* he hum modo de falar, que faz a Oraçãõ cheia e numeroza, por *Incizos*, por *Membros*, e por *Periodos*.

*Incizo.* *Incizo* he hum pensamento em poucas palavras, que divide a Oraçãõ em pequenas partes: Como quando o Apostolo diz (a): „ Portemo-nos como „ Ministros de Deos por huma „ grande paciencia nas tribulações, nas necessidades, nos „ apertos, nos golpes, nas prições.

*Membro.* *Membro* he hum pensamento contido em certa quantidade de palavras, que não divide

---

(a) 2. ad Cor. 6. 4. 5.

de a Oração em tão pequenas partes; como quando o mesmo Apostolo diz (a): „ Que uniaõ  
 „ póde haver entre a justiça, e  
 „ a iniquidade? Que commer-  
 „ cio entre a luz, e as trévas?

*Periodo* he hum pequeno dis- *Periodo*  
 curso composto de partes de tal  
 forte ligadas humas ás outras,  
 que o sentido fica sempre sus-  
 penso até o fim. O *Periodo* de-  
 ve ser claro de forte, que o Au-  
 ditorio não possa deixar de per-  
 ceber o sentido d'elle.

Ha duas qualidades de *Pe-* *De dois*  
*riodos*: hum he *simples*, que con- *modos:*  
 siste no pensamento como enca- *Simplex.*  
 deado em hum circulo de pa-  
 lavras numerozas de maneira,  
 que a Oração vá como fecha-  
 da des do principio, e só no  
 fim se conclua o sentido. Elle  
 póde ser mais breve, ou mais  
 extenso, conforme o permittir

o

---

(a) Ibid. 14.

o maior ou menor espaço da respiração do Orador; pois excedendo estes limites já he desagradavel. Da mesma forte, o dizer mais ou menos acelerado, falar o Orador com mais ou menos expedição, he por onde se deve tambem medir a maior ou menor extensão do *Periodo*. Advertindo sempre o Orador, que, se a materia não couber na medida racional, e justa, deve antes fazer dois *Periodos* curtos, do que hum demasiadamente extenso. Exemplo do *Periodo simples*.

„ Quando Deos deixa fahir  
 „ do poço do abyſmo o erro,  
 „ e a herezia, permittindo o es-  
 „ piritto de seducção para pu-  
 „ nir os escandalos, e desper-  
 „ tar os Povos; Elle com sua  
 „ profunda sabedoria determi-  
 „ na os limites aos progressos  
 „ do erro, e aos soffrimentos  
 „ da Igreja Santa.,,

Quan-



Quando porém o Orador tiver maior expedição no dizer, ou a respiração mais extensa, póde uzar do Periodo mais comprido dizendo : „ Quando Deos „ deixa sahir do poço do abyfmo o fumo , que escurece o „ Sol segundo a expressão do „ Apocalypse , isto he , o erro , „ e a herezia , permittindo , para castigar os escandalos , e „ para despertar os Povos e os „ Pastores , ao espirito de seducção enganar as Almas orgulhozas , e espalhar por toda a parte a rebelliaõ , e o escandalo ; Elle com sua profunda Sabedoria determina os „ limites aos progressos do erro , &c.

*Periodo* composto he o que *Composto.* consta de *Membros* , ou d'*Inci- zes*. Por *membros* fala S. Cypriano em este *Periodo* : „ O *De mem- bro.* Mundo testifica o seu acazo „ nas couzas , que vaõ decahin- „ do :

De inci-  
zos.

„ do: já não ha no inverno tan-  
 „ ta copia de chuvas para nu-  
 „ trir as sementes: não ha no  
 „ estio o costumado calor para  
 „ as fearas. „ O mesmo Santo  
 Padre fala por *incizos* no seguin-  
 te *Periodo*: „ Abrevia-se o dia:  
 „ e desfalece o lavrador nos  
 „ campos, o navegante no mar,  
 „ o soldado nos arraiaes... a  
 „ justiça nos Tribunaes „ (a).

## §. II.

Senten-  
ça.

**S** *Entença* he huma Oraçaõ bre-  
 ve, que mostra em poucas  
 palavras o que he, ou póde ser  
 conveniente ou desconveniente,  
 v. g. *O invejoso faz da gloria  
 dos outros a sua pena.* Ha sen-  
 ten-

---

(a) O *Periodo* póde ter mais ou me-  
 nos membros, mais ou menos *incizos*,  
 conforme for a maior ou menor pausa,  
 ou *accleraçaõ*, com que o Orador falar.  
 Esta he a mais acertada regra, que pó-  
 de dar-se n'esta materia.

tenças, sem se dar a razão d'ellas: e ha *sentenças* com razão: ha tambem *sentenças* duplez, isto he, duas *sentenças* contrarias huma á outra: v. g. *Erraõ os que seguem as maximas do seculo: Acertaõ os que observaõ os dictames do Evangelho.*

As *sentenças* devem ser verdadeiras; naõ muito frequentes; nem postas indifferentemente na boca de qualquer Orador, como bem adverte Quintiliano (a); pois ellas convem mais ás Pessoas d'authoridade, aos Oradores anciãos.

O *Contrario* nas *Sentenças* he, quando de *sentenças* contrarias se tira argumento para provar alguma couza: o que dá huma grande força, e ornato á Oraçaõ: v. g. *Como será amigo dos estranhos aquelle, que*

o

---

(a) Liv. 2. Cap. 5.

Compara-  
ção en-  
tre sen-  
tenças  
defigua-  
es.

o não he dos seus? Os mesmos  
effeitos cauza na Oração aquel-  
la comparação, que se faz, de  
sentenças desiguaes, para pro-  
var alguma couza; a que po-  
demos chamar *contençaõ*. Cice-  
ro (a) dá-nos hum bom exem-  
plo d'esta *Contençaõ*: „ Os vof-  
„ sos maiores (diz elle) mui-  
„ tas vezes fizeraõ guerra para  
„ vingar as injurias... com que  
„ animo pois deveis vós estar,  
„ quando vedes tantos milhares  
„ de Romanos mortos?... vof-  
„ sos Pais quizeraõ extinguir a  
„ luz de toda a Grecia... e vós  
„ soffreis aquelle Rei, que ma-  
„ tou o Legado Consular do Po-  
„ vo Romano?... Elles não sof-  
„ frêraõ a liberdade dos Roma-  
„ nos destituida de fortaleza: e  
„ vós desprezaes a vida tirada?  
„ Elles seguiraõ até o fim o di-  
„ reito da Legacia... e vós dei-  
„ xa-

---

(a) *Pro Leg. Manil.*

„ xaes sem vingança o Legado  
 „ do Povo Romano morto?

§. III.

**D** *Inofis*, que he o mesmo que *Dinósis*.  
*Gravidade*, he huma virtude, pela qual se mostra a indignidade d'alguma couza tal, qual ella he. D'esta virtude devem ser dotados todos os Sermões, em que se tracta da enormidade do peccado, das penas do inferno, e d'outras materias semelhantes: nas quaes deve o Orador insistir com diligencia, a fim de fazer conceber a sua enormidade, quanto lhe couber no possivel; ainda que a não póde mostrar tal, qual ella he em si.

*Copia* he aquella abundancia da Oraçaõ, que a faz elegante, polida, e forte, pelos muitos argumentos, e palavras significantes, de que ella consta.

sta: A Oraçaõ he *copioza*, quando n'ella se tracta de tudo aquillo, que convêm ao argumento, que he objecto do discurso; e com huma locuçaõ proporcionada.

*Variedade.*

*Variedade* no mesmo nome se dá bem a conhecer. Deve o Orador dispôr a sua Oraçaõ de sorte, que ella tenha *variedade* nos Tropos, nas Figuras, nas Sentenças, nos Periodos, nos Estilos, nos pensamentos, nas expressões. O discurso, que não tem esta *variedade*, he tão dezagradavel, como seria o jardim, em que se não visse mais que huma só qualidade de flores, por mais bellas, e engraçadas que fossem. Em huma palavra: a Oraçaõ deve sempre variar á proporçaõ das varias couzas, que n'ella se dizem.

## §. IV.

**D** *Igressão* não he outra couza se não hum breve *Digressão* curso, em que se expõe alguma couza differente da que se hia tractando; e com que se interrompe a Oração. Ella orna, e illustra a mesma Oração, quando he coherente, e se segue naturalmente da materia. Mas he necessario, que a *Digressão* seja breve, e que não venha a dividir as couzas, que a mesma natureza une. Ella tem lugar em qualquer parte da Oração.



## CAPITULO XVI.

*Dos Vicios oppostos ao Ornato.*

*Vicios  
opostos  
ao orna-  
to.*

**S**Endo muitas as qualidades , que pede a Oraçaõ bem ornada , por isso mesmo naõ saõ poucos os vicios oppostos ao mesmõ Ornato. Os principaes saõ os seguintes , que o Orador deve evitar com diligencia.

*Cacophaton* he huma pronuncia obscena , em que se proferem palavras torpes , ou mal soantes.

*Tapinósis* he hum abatimento , com que se daõ nomes baixos a couzas grandes. Naõ he menor vicio dar nomes grandes a couzas pequenas.

*Tautologia* he huma repetiçaõ vicioza : v. g. *Naõ ha razãõ para dar razãõ do successo.* Alguma vez naõ serã vicio , quan-



quando conduzir para melhor clareza, como fez Cicero muitas vezes.

*Pleonafmo* he addiçaõ de palavras superfluas: v. g. *Joaõ matou a Paulo, e tirou-lhe a vida.*

Quando serve para confirmar, não he vicio; como quando S. Joaõ diz (a): „ O que vimos „ com os noslos olhos. „

*Cacozelon* he huma affectaçaõ, com que se tiraõ as couzas do seu natural, procurando imitar o que não lhe he proprio: ou seja nas palavras, ou nos pensamentos, ou no estilo, ou na pronúncia.

*Macrologia* he huma redundancia de palavras escuzadas: v. g. *Voltei para trás para caza, d'onde tinha vindo.* Não he menos vicio a brevidade muito demaziada, com que se tractaõ aquellas couzas, que pedem Oraçaõ mais extensa.

T

*Miõ-*


---

(a) 1. Joan. 1. 1.

*Miôsis*, com que se fala de couzas grandes em estilo simples. *Bomphiologia*, vicio opposto, he huma inchação, com que se fala de couzas baixas em estilo sublime.

*Homoologia* he uniformidade, com que se faz huma Oração como d'huma só côr, e sem aquella variedade, que pede o Ornato. O vicio contrario he a *Pieicologia*, que consiste em variar a Oração sem ordem.

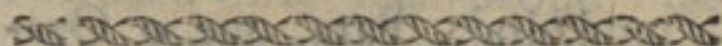
*Periergia* he curiozidade vam, com que se tractaõ couzas impertinentes, fazendo digressões improprias, amontoando palavras desnecessarias, affectando cópia de locução.

*Aritbomon* he falta de numero, pela qual a Oração abunda d'incizos, de membros, e de periodos continuados sem ordem, nem discernimento.

*Oniconomiton* he huma confusão, que perturba a disposição

ção do discurso, e faz perder a ordem, e a economia Rhetorica.

A'lem d'estes vicios, he grosseira aquella Oração, em que se não acha agudeza; lordida, em que não ha dicção culta; esteril, que carece de cópia; triste, que nada tem de belleza, e elegancia; ingrata, se lhe falta a suavidade; vil, senão he feita com diligencia, e cuidado.



## CAPITULO XVII.

### *Da Congruencia, ou decóro.*

**T**enho tractado o que diz respeito ao Ornato, a boa ordem pede, que agora se siga a *Congruencia*, quarta virtude da *Elocução*.

He pois a *Congruencia* humana locução proporcionada á ma-

*Congruencia.*

teria, que se tracta. Cicero dá bem a conhecer a necessidade, e a importancia d'esta *Virtude*, quando diz: „ Nem a toda a „ caza, nem a todo o Audito- „ rio, nem a todas as Pelloas, „ nem a todo o tempo convêm „ o mesmo genero d'Oração. „ Demetrio confirma o mesmo sentimento, quando affirma, que o „ Decóro deve sempre obler- „ var-se, expondo cada couza „ por hum modo apto, e accom- „ modado. „ Para que o Ora- dor guarde hum justo decóro, e oblerve huma exacta *Congruencia*, deve considerar attentamente:

1.º Qual he o seu caracter; para que a Oração lhe seja conveniente. Pois nem a todos os Oradores convêm o mesmo genero e modo de falar. Muitas expressões são decentes na boca d'hum Prelado, ou d'hum ancião, que seriaõ indecentes a hum

hum Ministro d'Ordem inferior, ou a hum Prégador moderno. Qualquer que seja o Orador, nunca deve uzar de palavras de jactancia, descortezia, petulancia, nem graciosas; porque, álem de muitas vezes offenderem os Ouvintes, sempre são improprias do Orador, e indignas do lugar.

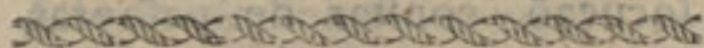
2.º Qual seja o caracter das Pelloas, a quem fala; para que a Oraçaõ lhes seja proporcionada. Pois nem a todos os Ouvintes convêm o mesmo genero d'Oraçaõ: porque n'hum Auditorio bem instruido faria grande impressaõ hum discurso bem trabalhado, e sublime, o qual com tudo não aproveitaria em hum Auditorio rustico, e plebêo. Huma Oraçaõ forte no Auditorio de gente licencioza, e libertina faria hum grande fructo; mas n'hum de Pelloas timoratas faria hum grande prejuizo.

3.º Qual he o fim do seu Sermaõ. Sempre deve ser o falar segundo o espirito de Deos ; reformar os costumes ; inspirar o horror do vicio ; persuadir a pratica das virtudes. Sobre isto deve o Orador fazer as mais serias reflexões , a fim de não confundir os meios com o fim. O meio he falar bem : o fim he converter. Aquelle Orador , que só cuida em falar bem , cahe na pasmoza *incongruencia* , de que nasce o máo gosto da Oratoria Christãã ; por querer estabelecer a nobreza da Prédica n'aquillo , que só como hum meio pôde servir para a sua perfeiçãõ.

4.º Qual he a materia , sobre que ha de falar ; para que uze d'huma locuçãõ já grave , já mediocre , já tenue , conforme o pedir a materia ; servindo-se de palavras sublimes nas couzas grandes , de graves nas serias , d'asperas nas atrozes ,  
d'hu-

d'humildes nas baixas, de ternas e tocantes nas compassivas: mas de tal sorte, que tudo vá dirigido á instrucção, á utilidade, e aproveitamento do Auditorio.

De todas as circumstancias, em que he necessaria a justa *Congruencia*, he a mais difficiltoza o proporcionar a *locução* á materia. No que he necessaria huma grande prudencia, clareza de juizo, hum bom exercicio, hum exacto conhecimento dos preceitos da Arte ácerca dos estilos.



## CAPITULO XVIII.

*Dos Estilos.*

**P** Ara accomodar a *locução* á materia, deve o Orador saber os diversos *Estilos*; o que con-

convém a cada hum d'elles ; a materia proporcionada a cada hum ; e o modo de os pôr em practica. Pois assim como os homens para guardarem o decóro civil , costumaõ vestir-se conforme o seu estado , e segundo pedem as funções , a que assistem ; da mesma sorte o Orador, para observar o decóro Rhetorico ; deve compôr as suas Orações com hum *Estilo* , e ornato conforme á materia , de que tracta.

*Estilos.*

Os diversos *Estilos* são tres : *Simples* , *Mediocre* , e *Sublime*. Será o *Estilo simples* , quando a locução constar de palavras commummente uzadas nas conversações familiares , e quotidianas : será *Mediocre* , quando as palavras tiverem alguma gravidade mais , que as conversações quotidianas : será *Sublime* , quando as palavras forem as  
mais



mais ornadas, e significantes, que se poderão achar.

Santo Agostinho reduz a locução aos mesmos trez generos, accomodando-os aos trez officios do Orador, dizendo :  
 „ Aquelle será eloquente, que  
 „ falar de couzas pequenas em  
 „ *estilo simples*, para que ensi-  
 „ ne; das mediocres em *estilo*  
 „ *temperado*, para que deleite;  
 „ das grandes em *estilo sublime*,  
 „ para que mova. „

§. I.

**E** *Stilo Simples* he hum mo- *Simples.*  
 do de falar, natural, corrente, e familiar; em que reina mais a clareza, que o ornato. Admitte expressões agudas, e sentenciozas; alguns Tropos, e Figuras, mas nem com frequencia, nem das que servem para ornato, e para mover os affectos. Com tudo elle não deve

ve abater-se até o modo de falar plebeo , e rustico ; pois deve sempre constar de palavras proprias , e nunca alheas do idioma.

*Medio-  
cre.*

*Estilo Mediocre*, ou *temperado* he hum modo de falar, que tem o meio entre o *Simples*, e o *Sublime*, quero dizer, que tem mais força que o *Simples*, e menos que o *Sublime*. D'este participa a nobreza dos pensamentos, e d'aquelle huma doçura, e hum ar de naturalidade proprio para persuadir, e tocar. A este genero pertence o sentimento das paixões, a expressão d'amizade, da tristeza, da compaixão, da dor, e da ternura.

## §. II.

*Sublime.*

**E** *Stilo Sublime* he huma locução, que pela magestade, e elevação dos pensamentos

mentos, pela força das expressões, pela vivacidade dos movimentos, e pela nobreza e formozura das imagens, eleva os espiritos acima dos sentidos. Segundo Rollin ,, he hum estilo, ,, que põem em uzo tudo o que ,, a Eloquencia tem de mais elevado, de mais forte, e de ,, mais capaz de ferir o espirito: que admira: e que á maneira d'hum rio rapido, arrasta, e arruina tudo o que lhe ,, reziste. ,,

O *Sublime* não he só huma obra da natureza, nem só da Arte; he sim obra da natureza, e da Arte juntamente. A natureza concorre com a elevação dos pensamentos, com a força das expressões, e com a nobreza das imagens: a Arte concorre com o modo efficaz de communicar aos Ouvintes os pensamentos mais nobres com toda a força, com que elles são con-

concebidos, e de maneira que o Auditorio não só perceba, mas que seja impossivel não perceber. Póde servir d'exemplo aquelle pensamento, com que Moysés no principio do Genesis explica a promptidaõ, com que as creaturas obedecêraõ ao Creador: „ Deos disse: Faça-se a luz. E a luz se fez. „ Este pensamento he sublime, por ser expressado com toda a força; e elevaçãõ; e por explicar huma tal promptidaõ, que a nós mesmos, quando o lêmos, ou escutamos ao Orador, que o diz, se nos representa, que nem hum só momento mediou entre o preceito, e a execuçaõ d'elle.

Este *Estilo* pede palavras amplas, e magnificas; proporcionadas sempre á materia, como já disse; expressões nobres, mas não inchadas, nem com affectaçãõ; pensamentos vivos, e de-

delicados, e sempre naturaes. Pede tudo o que a Arte tem de mais forte, e mais tocante; *Descrições*, *Metaphoras*, *Hyperboles*, e outras *Figuras*, e *Tropos*.

Ainda que para o Orador Evangelico todas as materias são graves, por dizerem respeito á salvação dos homens, com tudo não deve uzar sempre do *Estilo Sublime*. Porque, segundo Santo Agostinho, se o Orador ensina ainda couzas grandes, deve uzar do *Estilo Simples*; se louva, ou reprehende, do *Mediocre*; se propõe as couzas para mover, do *Sublime*: pois, sendo o officio do Orador em todos os seus discursos, ensinar, deleitar, e mover, em todos elles deve uzar de tres *Estilos*, ou generos de locução, não só porque esta variedade conduz muito para conciliar a attenção do Auditorio; mas tambem porque estes

estes mesmos generos de locução servem mutuamente huns aos outros , devendo o *Sublime* principiar pelo *Mediocre* , e algumas vezes pelo *Simples* ; assim como tambem o *Mediocre* necessita humas vezes do *Simples* , e outras do *Sublime* ; da mesma sorte que o *Simples* tem necessidade do *Mediocre*.

Naõ deve porém cada hum d'estes generos reinar igualmente em todas as Orações. Nas Humiliaticas deve prevalecer o *Simples* ; nas Demonstrativas o *Mediocre* ; nas Suazorias ou Deliberativas o *Sublime* ; e ainda em cada huma d'ellas deve reinar humas vezes mais , outras menos , conforme a materia for mais , ou menos grave.

Naõ só ha differença entre os referidos tres generos ; mas tambem cada hum d'elles tem seus differentes grãos , porque admite mais , e menos , como  
ad-

adverte Quintiliano (a). E por isso o *Simples* dentro do mesmo genero póde ser mais e menos *Simples*; assim como o *Mediocre*, e o *Sublime* admittem mais, e menos.

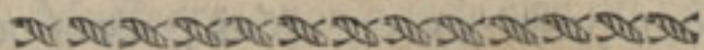
O *Genero Pathético* he hum *Patheti-*  
*Estilo affectuozo, e terno*: elle pe-<sup>co.</sup>  
 de huma locução moderada, e  
 doce, que insensivelmente se in-  
 finue nos corações, e mova os  
 affectos. Eu não o reputo distin-  
 cto do *Sublime*; ló o confidero  
 como huma parte, que se con-  
 tém no seu todo. O *Sublime*  
 conquista os corações; com a  
 differença, que sendo pela no-  
 breza dos pensamentos, e ve-  
 hemencia das expressões, con-  
 quista-os por força; e sendo pe-  
 la doçura, e suavidade, con-  
 quista-os com a ternura do *Pa-*  
*thético*. E para dizer tudo em  
 poucas palavras, deve o Ora-  
 dor

---

(a) Liv. 12. Cap. 10.

dor procurar mover o Auditorio d'hum, e outro modo, quando a materia do Sermaõ o possa admittir.

O *Pathético* tem lugar com especialidade nas Orações da Paixaõ, Morte, e Enterro do Salvador; da Soledade da Virgem Santissima; do Amor, e Misericordia de Deos; e outras semelhantes. E a falar propriamente, n'estes Sermões he que o *Sublime* deve ser mais *Pathético*.



## CAPITULO XIX.

### *Da Memoria.*

**A** *Memoria* he huma faculdade, por meio da qual se conserva a lembrança da Oraçaõ, e de todas as suas partes. He taõ necessaria ao Orador, que



que sem ella he moralmente impossivel representar a Oraçãõ mais facil.

Ella , sendo parte da natureza , naõ deixa de ter tambem lugar entre as partes da Arte Oratoria , com cujos preceitos ella se augmenta , e se fortifica pela cultura , pelo methodo , e pelo exercicio. E com razãõ lhe chama Quintiliano (a) ,, Thezouro da Eloquencia. ,, Os meios de cultivar , e fortificar a *Memoria* , saõ

Methodo , que consiste em dispôr o discurso de tal sorte , que as razões se sigaõ naturalmente humas das outras ; e que o entendimento se vá pondo em hum fundo solido , passando de razãõ a razãõ , e contrahindo hum certo habito d'achar sempre alguma couza judicioza , sem que possa deixar

V

---

(a) Liv. 11. Cap. 2.

as próvas, que huma vez concebeo.

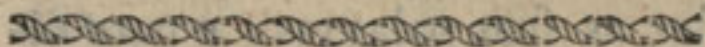
Exercício, que consiste em aprender de *memoria* algumas couzas ou da Escritura, ou dos Santos Padres, ou d'algum Author de merecimento: o que deve praticar-se todos os dias; porque tanto mais a *memoria* se fortifica, quanto maior he o exercicio, com que ella se cultiva.

Nos primeiros annos da Prédica he utilissimo, que o Orador Evangelico estude de *memoria* tudo o que houver de dizer em seus Sermões. Mas passado algum tempo n'este exercicio, he igualmente util deixar esta escravidão; pois he quasi impossivel prégar com grande fervor, e unção aquelle, que demaziadamente cuida em todas as palavras da sua Oração; com o que naturalmente se enfraquece o espirito. Com tudo  
eu

eu não venho a dizer, que o Orador se atreva a subir ao Pulpito, sem hir com a certeza do que deve dizer: pois isto he hum extremo bem digno de censura, e a origem d'infinitos prejuizos, com que muitos Prégadores ficão mal avaliados. O que eu julgo indigno de se approvar he aquelle defeito, com que muitos só se esmeraõ em estudar as suas palavras: e para dizer tudo, tenho para mim, que deve o Orador evitar cuidadosamente os dois extremos igualmente viciozos; hum, ligar-se á escravidão da *Memoria*; o outro, hir para o Pulpito, fiado no seu talento: com o primeiro faz-se escravo da *Memoria*; com o segundo, escravo do Entendimento. Em ambos os casos he moralmente impossivel, que o Orador esteja senhor de si; que possua a liberdade necessaria; que tenha o fervor, a

unção, e o espirito n'aquelle grão, que necessita para prégar com fruto, e desempenhar os deveres do Ministerio.

He em fim necessario, que o Orador tenha decorado o seu Sermaõ; que vá senhor d'elle, e de si mesmo, em tal manei- ro, que ao depois só cuide em falar com espirito.



## CAPITULO XX.

### *Da Pronunciaçãõ.*

*Pronun-  
ciaçãõ.*

**A** *Pronunciaçãõ* he huma par- te taõ principal da Rhe- torica, que ella vale tanto, ou ainda mais que as outras par- tes. Ella he *prégar hum Sermaõ com a voz, e com as acções a- gradaveis, e accommodadas á ma- teria do discurso.* Podemos cha- mar-lhe com Cicero *huma cer- ta*

*ta Eloquencia de todo o corpo do Orador.*

Ella tem hum lugar taõ principal, como vemos em infinitos Oradores: dos quaes huns faõ ouvidos com prazer, e gosto do Auditorio, por terem huma *pronúncia* feliz, e agradável, naõ obstante serem as suas Orações, humas vezes, languidas, e outras, nada ou pouco attendiveis, com as quaes fazem huma grande impressaõ nos Ouvintes: ao mesmo tempo que outros, tendo os seus discursos muito bem trabalhados, fortes, persuazivos, e tocantes, naõ faõ attendidos, pela sua má *pronúncia*, nem fazem impressaõ nenhuma.

A *Pronunciaçaõ* consiste na proporçaõ da *vóz*, e das *acções*: em huma e outra couza obraõ a natureza, e a Arte juntamente; a natureza, naõ negando a boa dispoziçaõ dos orgãos da locu-  
çaõ,

310 PRE'GADOR INSTRUIDO

ção, e a flexibilidade, e movimento dos membros do Orador; a Arte, dando preceitos para regular tudo com huma justa medida.

§. I.

Quanto á voz.

**A** Pronunçiação quanto á voz deve ter as qualidades, que recommenda Quintiliano (a); quero dizer, a voz deve ser

Emendada.

1.º *Emendada*; para que não seja rustica, nem peregrina, aspera, dura, vária, languida, vã, pueril, nem effeminada. He necessario, que a respiração nem seja muito breve, nem muito dilatada:

Clara.

2.º *Clara*, proferindo-se as syllabas de sorte, que se dem a entender; fugindo sempre de tudo o que he affectação; e fazendo pauza proporcionada entre os incizos, membros, e períodos: 3.º

---

(a) Liv. II. Cap. 3.

3.º *Ornada*, isto he, flexivel, *Ornada*.  
 pura, firme, duravel; humas ve-  
 zes mais aguda, outras mais  
 grave; aqui dilatando-se mais  
 no ouvido, alli passando mais  
 rapida; humas vezes impellida  
 á maneira d'huma létta, que  
 vai a ferir, outras suave, como  
 hum oleo que unge. Nunca po-  
 rém deve ser violenta, nem ti-  
 rada do seu natural:

4.º *Apta*, e *decoroza*, tendo *Vária.*  
 huma proporcionada accomo-  
 dação á materia; não sendo sem-  
 pre huma; variando-se confor- *Segundo*  
 me a natureza, e variedade das *a mate-*  
 couzas, que se tractaõ; já sen- *ria.*  
 do alegre, quando se fala de  
 couzas alegres; já funebre,  
 quando se fala de couzas tristes:  
 levantada, quando se contende; *Segundo*  
 branda, quando se roga: forte *os affe-*  
 na exhortação; grave, quando *ctos.*  
 se perluade; recta na expozi-  
 ção; terna em a compaixão; gra- *Segundo*  
 ve nas couzas grandes; tempe- *as cou-*  
 ra- *zas.*

*Segundo as Partes da Oraçaõ.* rada nas mediocres ; branda nas tenues ; vehemente nas atrozes : temperada, e branda no exordio : clara , e simples em a narraçaõ, propozicaõ , e divizaõ : asseverativa , e forte na confirmaçaõ : vehemente na peroraçaõ. Em huma palavra : deve ser accomodada á natureza das couzas , que se tractaõ , e dos affectos , que se pertendem excitar.

*Vicios oppostos.* Os vicios oppostos á boa pronúncia saõ : 1.º igualdade da voz , e ser sempre a mesma : 2.º dezigualdade , com que humas vezes se levanta a voz , outras se abaixa , humas se afina , outras se engrossa , sem ordem nem proporçaõ : 3.º hum modo de falar com variedade da voz , mas variedade sempre a mesma ou se narre , ou proponha , ou amplifique , ou próve ; e isto da mesma sorte no Panegyrico , que na Oraçaõ Deliberativa : 4.º demaziada pauza no dizer : 5.º ve-  
lo-



locidade precipitada : 6.º vehemencia ou acrimonia , dizendo tudo com furor : 7.º frouxidaõ , dizendo ainda couzas grandes com brandura.

§. II.

**P**ara huma boa *Pronunciaçaõ* Quanto ás acções. não he menos necessario o decóro das *acções* , que , da *voz*. As *acções* exteriores são huma qualidade muito essencial no Orador do Evangelho. Todo aquelle , que tiver a facilidade de bem accionar , ( ou seja por meio da Arte , ou por tudo junto , que he o melhor , e mais estimavel ) , elle sem dúvida fará sobre seus Ouvintes hum effeito admiravel , ainda quando lhes não recite se não hum discurso mediocre. Devem pois as *acções*

1.º Acompanhar em tudo o decóro da *voz* , fazendo hum gesto

gesto natural, e proporcionado ao que se diz, exprimindo os conceitos com a *voz*, e com as *acções* juntamente :

2.º Ser vivas, e naturaes, que exprimaõ bem o conceito do Orador; e a qualidade das couzas, que elle persuade:

3.º Ser animadas, e cheias de fogo, mas fogo que anime, e não destrúa: fugindo o Orador d'entregar-se aos transportes d'huma *pronunciaçãõ* arrebataada, com a qual muitas vezes se vem a cahir em accionar taõ fozosamente, e com taõ pouco discernimento, que tudo saõ *acções* indecentes, e improprias do Orador, do lugar, e do Ministerio: moderando, por meio da Arte, aquelle fogo, e vivacidade, que muitas vezes está pedindo a materia, em que fala; e, para assim o dizer, temperando o fogo da composiçãõ com a mo-  
de-

deração do fogo da *pronúncia*, e das *acções*: lembrando-se, que estes dois fógos juntos, e sem tempero fórmaõ hum incendio, que os Ouvintes naõ poderãõ sopportar: advertindo finalmente, que quanto mais fogo, e vivacidade tiver a composiçaõ, tanto mais suave deve ser a acceleraçaõ da *pronúncia*; e tanto mais locegada, e quieta deve ser a *acçaõ* do Orador:

4.º Ser graves, nobres, e magestozas, para guardar o decóro devido ao lugar, e ao Ministerio; e para assim sustentar o seu caracter, e a sua authoridade. Estas saõ as principaes qualidades das *acções*.

Os vicios contrarios ao de-<sup>Vicios</sup> cõro do gesto saõ de varios mo-<sup>oppositos.</sup> dos.

1.º Quando se fazem as *acções* taõ compassadas, e taõ medidas, que bem denotaõ a ridicula affectaçãõ, com que o  
Ora-

Orador mais pertende agradar do que converter; esquecendo-se do fim do Ministerio.

2.º Quando o Prégador está no Pulpito como em figura estática, sem movimento: ou se faz algum, he com affectação voltando todo o corpo juntamente com a cabeça.

3.º Quando, pelo contrario, está inquieto, e como passeando no Pulpito d'huma para outra parte.

4.º Quando se encosta para os lados, ou para a parede, ou para diante; ou se põe desbruçado sobre o Pulpito.

5.º Quando a todas as palavras move descompostamente as sobancelhas, ou os olhos; ou os fixa em algum objecto determinado.

6.º Quando abre a boca mais do que he necessario: ou morde os beiços, ou faz com elles

les alguns gestos , como torcendos-os , apertando-os.

7.º Quando bate as palmas , ou com a mão na testa ou na cabeça : ou dá pancadas no Pulpito ou na parede : ou puxa pelos cabelos : ou esfrega o rosto , ou os olhos : ou tapa a boca.

8.º Quando esfrega as mãos , ou puxa os dedos : ou move com violencia os braços , como esgrimidor ; ou os levanta , ou abaixa descompostamente ; ou os põe em cruz ; ou fórma d'elles humas azas para subir ás nuvens , ou os põe em linha recta , estendidos para hum a , ou outra parte : ou faz alguma acção de disparar hum a setta , ou arrancar hum a espada , ou dar emplotões , ou fazer arrameços.

9.º Quando arquea demaziadamente os cotovelos : faz acções sobre a cabeça , ou outras quaelquer indecentes ao lugar ,

e indignas d'hum Embaixador de Jesus Christo.

10.º Quando o Orador não está com o corpo direito, e sem affectação: e quando não o move com decencia, e gravidade.

11.º Quando as *acções* são cheias de fogo, como quem despede raios, e coriscos: em huma palavra quando são descommedidas, e improporcionadas ao que se diz. Este vicio notou Cicero em hum Orador, que ouvia falar, e disse: „ Se as couzas, que este „ diz, fossem verdadeiras, dil- „ las-hia elle do modo que as „ diz? „

§. III.

**J**A' no Capitulo 2.º §. 4.º disse os meios, por onde o Orador adquire huma boa *Pronun- ciação*, assim como as mais Partes da Rhetorica. Agora digo mais, que o Orador póde eleger hum amigo douto, sincero,

e de bom gosto : pedir-lhe , que observe os seus Sermões com attençaõ ; e lhe advirta com sinceridade os defeitos , que tiver notado assim pelo que diz respeito ás *acções* , e á *voz* , como tambem em tudo o mais : e d'este modo poderá conhecer o que tem necessidade d'emenda ; e aperfeiçoará finalmente as suas Orações , para dezenpenho do Ministerio , para o aproveitamento dos Póvos , e para Gloria do Creador.

F I M.

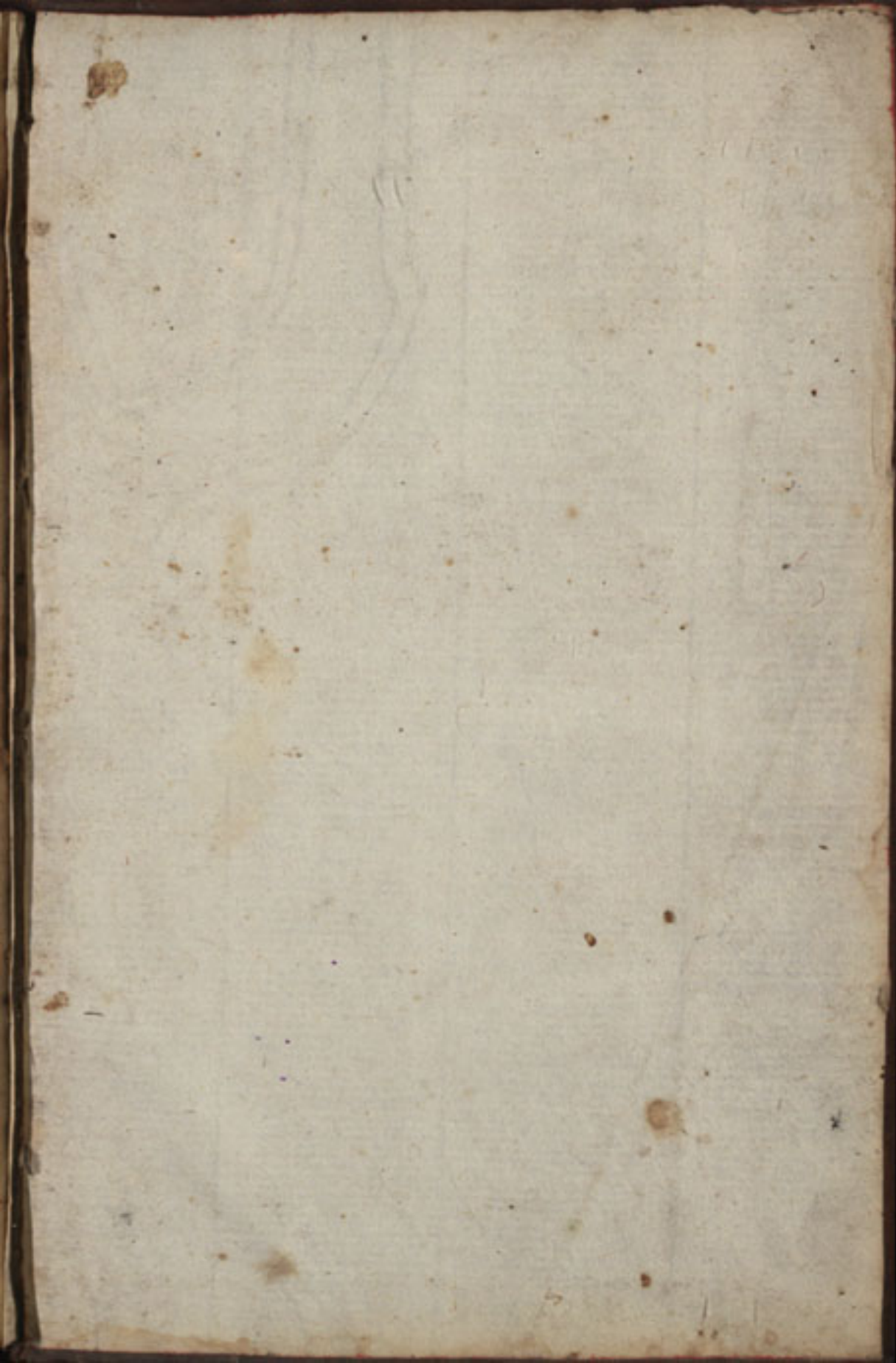


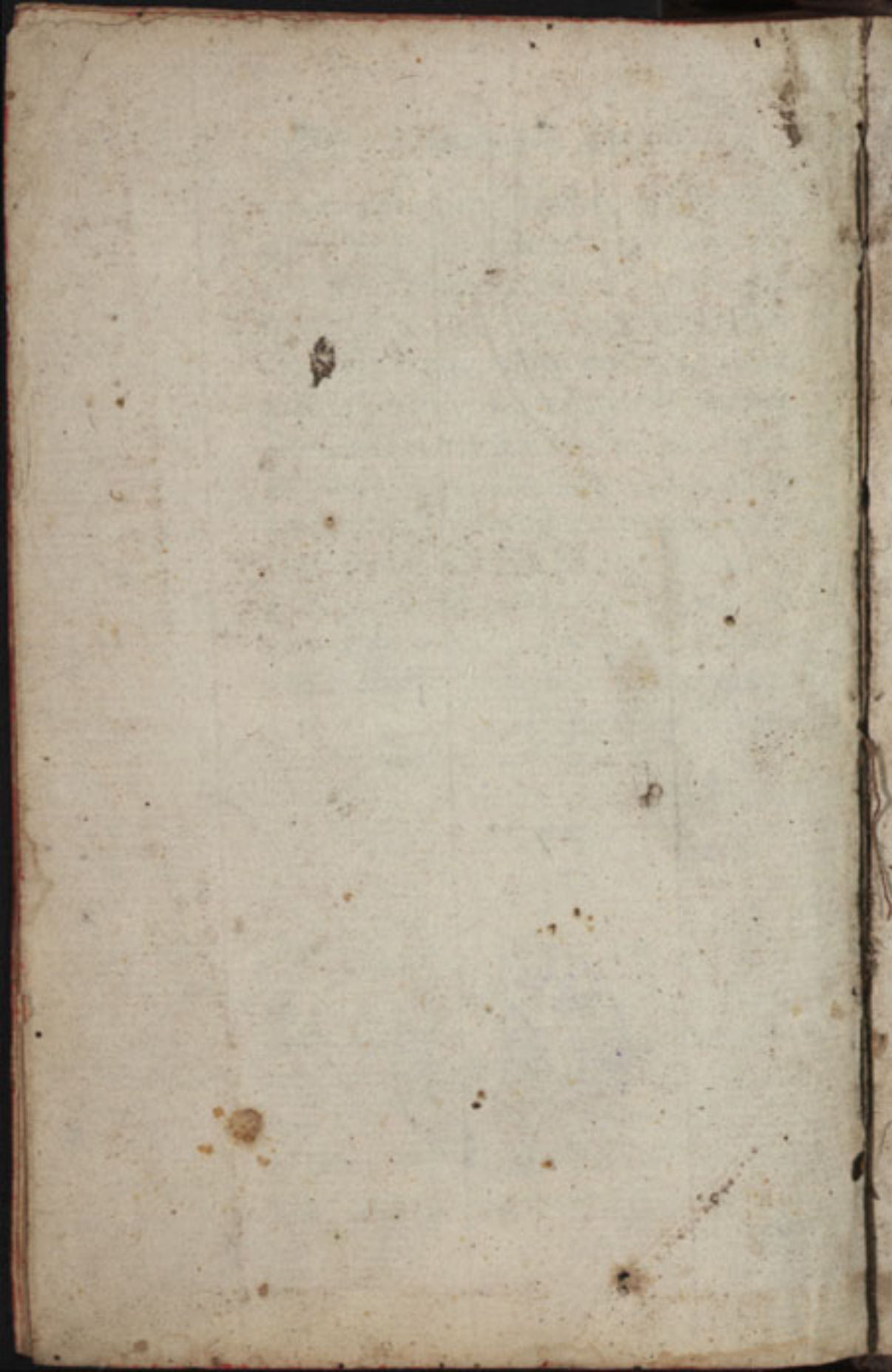
de bom gosto e de boa  
obteve os seus estudos com  
a honra e a gloria com in-  
contáveis vantagens, que vier  
notatos alim pelo que diz re-  
pente da guerra, e a paz, como  
tambem em outros mais: e de-  
te modo podera conhecer o  
que tem necessidade de emenda;  
e a honra e a gloria de sua  
as: e podera para de tempo  
de estudo para o proveito  
tambem a favor de sua Glo-  
ria de Deus, e de seu  
e de sua honra, e de sua  
e de sua honra, e de sua

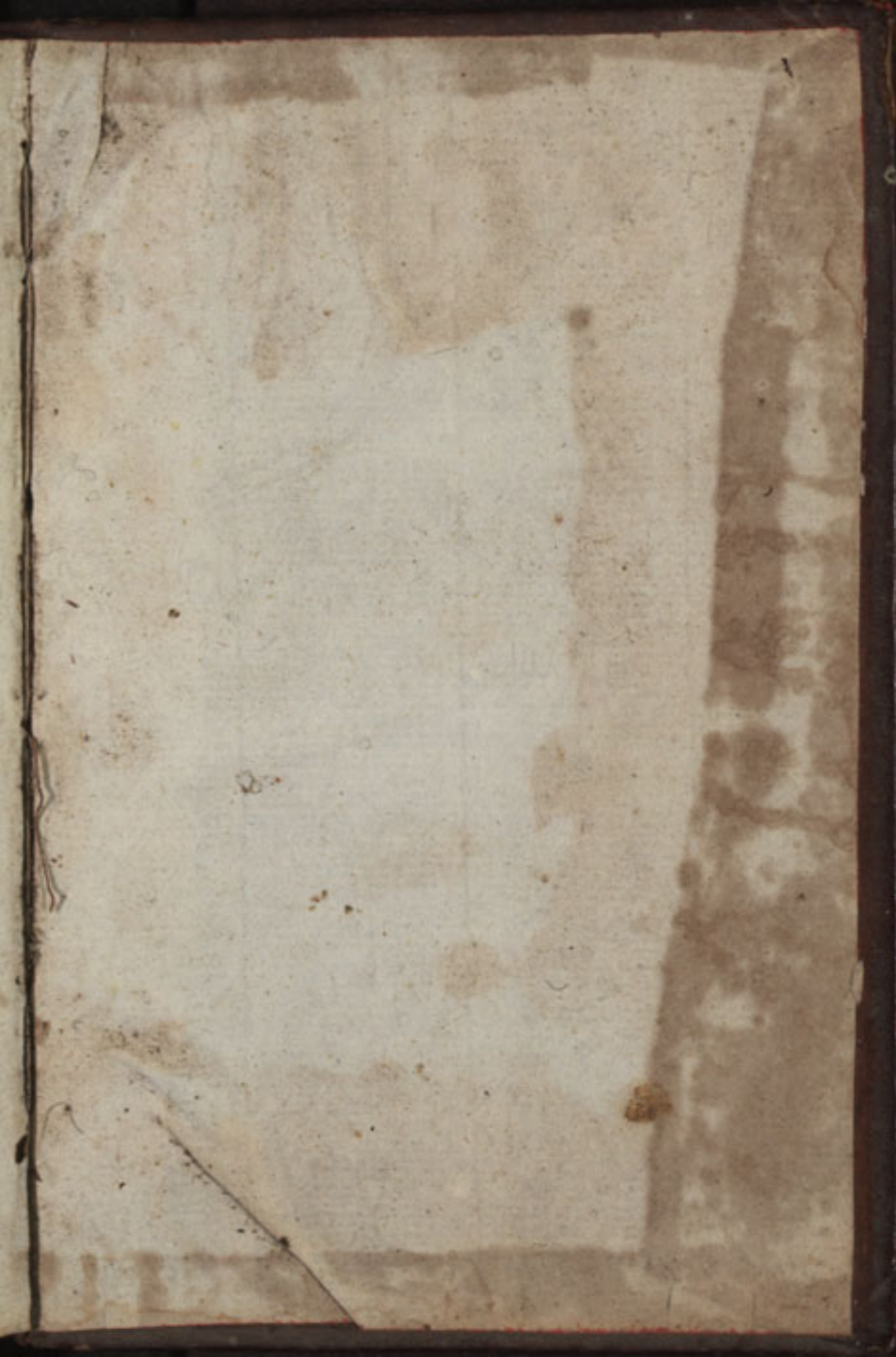
F. M.

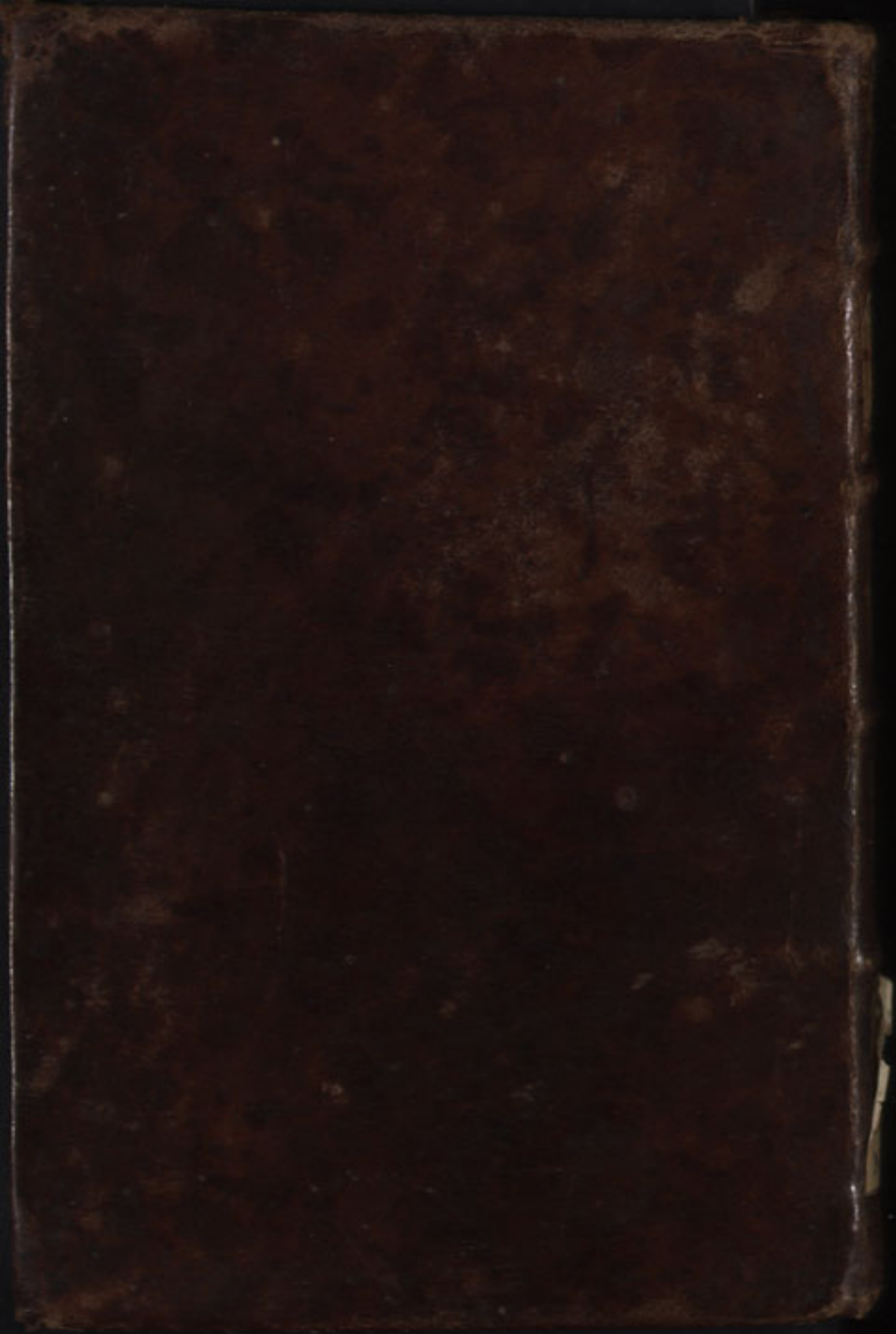














P. R. E. G. A. D.

I. N. S. T. I. T. U. T.



ala

Gab.

Est.

Tab.

N.º

094.5 "17"

A N T